

PANORAMA GERAL DA  
ECONOMIA DO CENTRO  
ANTIGO DE SALVADOR (CAS)

**DIAGNÓSTICO DO CAS**



OSWALDO GUERRA (COORDENADOR), PAULO  
GONZALEZ, RONALDO SACRAMENTO

16/6/2009

## **SUMÁRIO**

### **I – DIAGNÓSTICO DO CAS**

1. INTRODUÇÃO
2. DELIMITAÇÃO DA ÁREA
3. ASPECTOS GERAIS DO CAS
  - 3.1. Formação e Deterioração
  - 3.2. Requalificação do CHS e suas Limitações
  - 3.3. População, Escolaridade, Emprego e Renda no CAS
4. ATIVIDADES ECONÔMICAS NAS SUBÁREAS DO CAS
  - 4.1. Atividades Predominantes
  - 4.2. Perfil dos Estabelecimentos no CHS A, CHS B e CHS C
  - 4.3. Perfil dos Estabelecimentos no Sul do CHS
5. COMÉRCIO VAREJISTA NAS SUBÁREAS DO CAS
  - 5.1. CHS A
  - 5.2. CHS B
  - 5.3. CHS C
  - 5.4. Norte - Leste do CHS
  - 5.5. Oeste do CHS
  - 5.6. Sul do CHS
6. SERVIÇOS NAS SUBÁREAS DO CAS
  - 6.1. CHS A
  - 6.2. CHS B

6.3. CHS C

6.4. Norte - Leste do CHS

6.5. Oeste do CHS

6.6. Sul do CHS

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

# **I – DIAGNÓSTICO DO CAS**

## **1. INTRODUÇÃO**

Alinhado com a política nacional de reabilitação de áreas urbanas centrais, o Governo do Estado da Bahia estabeleceu parcerias com o Governo Federal, Governo Municipal e Organismos Internacionais com vistas a estruturar uma política integrada e sustentável para o Centro Antigo de Salvador (CAS). Como fruto das parcerias estabelecidas, criou-se o Grupo Executivo, com representantes das três esferas de Governo, um Conselho Gestor, com representantes de seis Secretarias do Estado da Bahia, e o Escritório de Referência, unidade responsável pela construção do Projeto de Reabilitação Integrado, Participativo e Sustentável do Centro Antigo de Salvador.

Este Projeto reunirá um conjunto de instrumentos indicativos - englobando a concepção de uma estrutura de governança, a elaboração de um plano operativo e de investimentos, e a criação de um fundo financeiro – e tem por princípio ser economicamente viável, socialmente justo, ambientalmente sustentável e culturalmente aceito.

Para subsidiar a elaboração do Projeto estão previstos estudos, pesquisas e análises que visam traçar o diagnóstico do CAS nas dimensões econômica, social, cultural, urbanística e institucional, compreendendo os processos e tendências marcantes ali existentes, bem como suas potencialidades e conflitos. A consolidação de tais conhecimentos é essencial para o desenho das estratégias de sustentabilidade e para a definição de uma estrutura de governança para o CAS.

Dentre os estudos previstos, aquele com foco na análise da dimensão econômica terá três partes: Panorama Geral; Economia do Turismo e Equipamentos e Negócios Culturais.

O objetivo geral do Termo de Contratação de serviços técnicos a serem prestados pela PLANARQ ao Escritório de Referência do Centro Antigo é a confecção da 1ª parte da citada dimensão econômica, ou seja, um panorama geral das principais atividades econômicas existentes no CAS com ênfase nos

anos 2000. **Essa confecção envolverá dois momentos: diagnóstico (Bloco I), aqui apresentado, e proposições (Bloco II), a ser entregue posteriormente.**

Mais especificamente, quatro objetivos serão perseguidos no diagnóstico e nas proposições:

- Traçar um perfil quantitativo e qualitativo das principais atividades econômicas ligadas ao comércio (lojas de rua e shoppings centers), serviços especializados (advocacia, contabilidade, saúde, educação, finanças e empresas turísticas), pessoais, administrativos e públicos, bem como atividades informais.
- Analisar o perfil de alguns investimentos privados em execução e planejados por setores de atividades, seus impactos sobre os subespaços mais demandados (Santo Antônio, Contorno/Santa Tereza, Comércio) e a relação desses investimentos com as propostas do PDDU.
- Examinar o impacto de alguns investimentos públicos em execução e planejados, a exemplo da Via Expressa, Porto de Salvador e do Estádio da Fonte Nova, sobre as principais atividades econômicas localizadas no CAS.
- Sugerir políticas de fomento às atividades econômicas no CAS e identificar seus impactos.

**Para atingir os objetivos específicos, o quadro abaixo explicita as atividades que serão realizadas, os produtos resultantes e os desembolsos. Este documento contém os produtos C, D e E (Diagnóstico na versão final e apresentação estruturada em *Power Point*).**

Parcela	Atividade	Produto
1	<p>A - Desenvolver a metodologia de trabalho em atendimento as etapas adiante descritas.</p> <p>B - Elaborar, tratar e analisar os dados quantitativos das atividades econômicas do CAS, a partir dos bancos de dados fornecidos pelo Escritório de Referência.</p>	<p>A - Plano de trabalho.</p> <p>B - Documento com os dados quantitativos das atividades econômicas do CAS.</p>
2	<p>C - Traçar o perfil quantitativo e qualitativo das atividades econômicas, a exemplo do comércio (lojas de rua e <i>shoppings centers</i>), serviços especializados (advocacia, contabilidade, saúde, educação, finanças e empresas turísticas e culturais), serviços pessoais, administração e serviços públicos, bem como atividades informais. Realizar entrevistas qualitativas.</p>	<p>C - Relatório com o perfil quantitativo e qualitativo das principais atividades comerciais e de serviços no CAS.</p>
3	<p>D - Elaborar proposta preliminar de diagnóstico, a partir das etapas concluídas e apresentá-la para validação pelas Câmaras Temáticas e Grupo Executivo. Incorporar as contribuições em sua versão final.</p>	<p>D – Documento de diagnóstico em <i>power point</i> estruturado de forma clara e sucinta, para permitir a compreensão dos membros das Câmaras Temáticas e Grupo Executivo.</p> <p>E – Versão final de Diagnóstico incorporando as sugestões e críticas das Câmaras temáticas e Grupo Executivo.</p>
4	<p>E - Selecionar os principais investimentos privados em execução e planejados, localizados nas subáreas mais dinâmicas do CAS, tais como Santo Antônio, Contorno/Santa Tereza/Comércio).</p> <p>F – Avaliar o impacto dos projetos urbanísticos estruturantes, a exemplo dos projetos do Porto de Salvador, Via Portuária, Estádio da Fonte Nova e do Metrô.</p>	<p>F- Documento de avaliação do impacto dos investimentos privados e dos projetos urbanísticos estruturantes sobre atividades comerciais e de serviços localizadas no CAS.</p>
5	<p>G – Promover entrevistas qualitativas para subsidiar a proposta de intervenção no CAS.</p> <p>H- Sugerir políticas de fomento às atividades econômicas no CAS e apontar seus impactos.</p> <p>I – Relacionar as propostas com os pressupostos do PDDU.</p> <p>J - Elaborar proposta preliminar do relatório propositivo e apresentá-la para validação pelas Câmaras Temáticas e Grupo Executivo. Incorporar as contribuições em sua versão final.</p>	<p>G - Documento técnico final de propostas de dinamização econômica do CAS.</p>

Além desta introdução e das considerações finais, cinco outros capítulos compõem o diagnóstico. Os dois primeiros capítulos contemplam a delimitação da área a ser estudada e os aspectos gerais associados à formação e deterioração do CAS, reforma do CHS e suas limitações e indicadores socioeconômicos do CAS. O tratamento desses aspectos é breve, pois o objetivo é apenas contextualizar a necessidade do Projeto de Revitalização do CAS e não repetir o que já está bastante documentado.

Uma análise qualitativa das principais atividades econômicas no CAS é realizada nos capítulos 4, 5 e 6, sendo que nestes dois últimos as atividades do comércio varejista e de serviços no CAS foram privilegiadas com uma análise desagregada devido ao peso das mesmas no CAS. As fontes de dados usadas para apoiar tal análise foram o cadastro da Secretaria Municipal da Fazenda (SEFAZ) e os censos empresariais do SEBRAE (2005 e 2008). Optou-se por trabalhar com essas duas fontes de dados devido a três motivos:

- O cadastro da SEFAZ registra apenas as atividades formais, enquanto os Censos Empresariais do SEBRAE (2005, 2008) contemplam também atividades informais, bastante significativas no CAS. Além disso, este cadastro limita-se a listar os estabelecimentos por localização, enquanto os Censos SEBRAE pesquisaram variáveis que permitem delinear um perfil econômico para os estabelecimentos entrevistados.
- Os Censos do SEBRAE não obedecem de forma rigorosa a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), procedimento que, por sua vez, é seguido pela SEFAZ.
- Os dados constantes dos Censos do SEBRAE dizem respeito às subáreas CHS A, B e C e Sul do CHS, não abrangendo, portanto, toda a área do CAS nem, tampouco, a subdivisão adotada neste estudo. O critério metodológico usado nessa subdivisão será explicado no próximo capítulo.

Além disso, deve-se alertar que:

- Os endereços dos estabelecimentos constantes no Cadastro da SEFAZ respeitam as chamadas regiões administrativas. Assim sendo, foi necessário delimitar, a partir desses endereços, com o uso de mapas e/ou CEPs, as subáreas aqui propostas;
- O exame do perfil dos estabelecimentos, que faz parte do capítulo 4, utiliza os censos do SEBRAE. Em vista disso, ele se limita às subáreas CHS A, B e C e Sul do CHS.
- Nos censos realizados pelo SEBRAE no sul do CHS (2005) e CHS (2008), os estabelecimentos informais foram definidos como unidades localizadas na rua, em ponto fixo, estruturadas em termos organizacionais de forma precária, legalizadas ou não, podendo inclusive possuir CNPJ. Seus gestores são denominados, genericamente, como ambulantes. Com esse procedimento, o SEBRAE optou por conceituar o setor informal como um conjunto de unidades de produção não tipicamente capitalistas, onde não há uma separação, ou ela é diminuta, entre trabalho e propriedade dos meios de produção, pois o proprietário trabalha diretamente no negócio com a ajuda freqüente de familiares e, em alguns casos, com poucos assalariados. Essas unidades não são plenamente capitalistas também porque o lucro não é a variável-chave de seu funcionamento e sim o rendimento total de seu dono. A prioridade é o sustento da família e só depois vem a preocupação com a manutenção do negócio ou com o retorno do investimento. Ou seja, o SEBRAE optou por não adotar a chamada abordagem legalista do setor informal que o vincula com o conjunto de atividades econômicas não-registradas, não-declaradas ao Estado, extralegais, ainda que socialmente lícitas (De Soto, 1987; Pamplona, 2001).

A análise qualitativa apóia-se, adicionalmente, na leitura de diversos documentos, acadêmicos e não-acadêmicos, e em entrevistas selecionadas



com atores que atuaram, atuam e/ou conhecem o CAS<sup>1</sup>. Cabe destacar que nesse Diagnóstico procurou-se, sempre que possível:

- Levar em conta o perfil do residente das subáreas selecionadas com o intuito de, no bloco seguinte, se avaliar as possibilidades desses residentes virem a ocupar funções de consumidor, empreendedor ou trabalhador, particularmente nos novos empreendimentos públicos e privados em execução ou planejamento e nas atividades comerciais e de serviços que possam surgir por conta dos efeitos multiplicadores que se espera sejam proporcionados por tais empreendimentos;
- Comparar variáveis (escolaridade, renda, emprego etc.) das subáreas do CAS com as de outros espaços de Salvador;
- Identificar concentração de atividades nas subáreas selecionadas que, porventura, caracterizem a existência de Arranjos Produtivos Locais (APLs) e possam vir a ser reforçados por ações governamentais a serem propostas no bloco II.

---

<sup>1</sup> Ana Mota, Gerente de Licenciamento Ambiental da Investur, Lielson Coelho, professor da FCE-UFBA e coordenador técnico dos Censos Empresariais SEBRAE (2005 e 2008), Marcus Alban, professor da EADM-UFBA e proprietário do Albergue das Laranjeiras no CHS, e Waldeck Ornélas, Secretário Estadual de Planejamento à época do projeto de revitalização do CHS na década de 1990.

## 2. DELIMITAÇÃO DA ÁREA

A área do projeto abrange o que se convencionou denominar Centro Antigo de Salvador (CAS) que, por sua vez, corresponde ao perímetro definido pela Lei Municipal 3289/83 como Área Contígua à Área de Proteção Rigorosa. Integram o CAS, portanto, a Área de Proteção Rigorosa (também definida nessa mesma Lei Municipal) e o Centro Histórico de Salvador (CHS) – Decreto Federal 25/1937.

Essa área inclui o Santo Antônio Além do Carmo, Pelourinho e Rua Chile até São Bento e seu entorno, que abrange o Campo Grande, Piedade, Barris, Lapa, Mouraria, Tororó, Nazaré, Saúde, Barbalho, Macaúbas, Água de Meninos, Comércio, Contorno e Banco dos Ingleses.

A diversidade de atividades econômicas que se pode identificar nessa ampla área levou os responsáveis pelo Panorama Geral a dividirem a área do projeto nas subáreas de análise abaixo listadas. **O critério metodológico utilizado foi a predominância de estabelecimentos ligados às atividades comerciais e de serviços, predominância esta que cria uma espécie de “espaços de especialização”, como se verá detalhes nos capítulos 4, 5 e 6.**

**CHS A (São Bento/Misericórdia)** – São Bento, Barroquinha, Ladeira da Montanha, Rua Chile, Ruy Barbosa, Visconde de Itaparica, Rua da Ajuda, Praça Tomé de Souza, Ladeira da Praça, Ladeira da Misericórdia e todas as ruas e transversais. Predominam atividades de comércio varejista (equipamentos e suprimentos de informática e artigos do vestuário e acessórios) e de prestação de serviços de administração pública, defesa e seguridade social, e às empresas, especialmente serviços de escritório e apoio administrativo.

**CHS B (Praça da Sé/Pelourinho/Taboão)** – Rua Guedes de Brito, Praça da Sé, Terreiro, Rua São Francisco, Maciel de Baixo, Rocinha, Alfredo de Brito, Pelourinho, Taboão, Largo das Flores, Rua das Flores, Passo, Ladeira do Carmo, Largo do Carmo, Rua J.J. SEABRA, Rua da Conceição da Praia, Rua

Corpo Santo, Rua do Julião, Rua do Pilar, Rua Capistrano de Abreu, Rua Conselheiro Lafayette, Rua Guindaste dos Padres. Preponderam estabelecimentos do comércio varejista (artigos do vestuário e acessórios e *suvenir*, bijuterias e artesanatos) e que lidam com atividades de serviços vinculadas à alimentação, organizações associativas e reparo e manutenção de equipamentos de informática, comunicação, objetos pessoais e domésticos.

**CHS C (Carmo/Santo Antonio)** - Rua do Carmo, Largo da Cruz do Pascoal, Rua Direita de Santo Antonio, Rua Vital Rego, Rua dos Perdões, Largo da Quitandinha, Rua dos Adobes, Rua dos Marchanes e Rua Ramos de Azevedo. Nesta subárea constata-se a forte presença de atividades de comércio varejista (produtos alimentícios e artigos do vestuário e acessórios) e de serviços pessoais e de alojamento e alimentação. Estes dão suporte ao Lazer e Turismo.

**NORTE-LESTE DO CHS (Dique/Nazaré/Barbalho)** – Dique, Desterro, Nazaré, Saúde, Djalma Dutra, Largo do Aquidabã, Sete Portas, Macaúbas, Dois Leões, Estrada da Rainha, Soledade, Barbalho e Lapinha. Predominam estabelecimentos associados às atividades do comércio varejista, particularmente venda de produtos alimentícios em mini-mercados, mercearias e armazéns. Nos serviços, a subárea é marcada por estabelecimentos vinculados à saúde, educação, alimentação e de escritório.

**OESTE DO CHS (Contorno/Comércio/Água de Meninos)** – Contorno, Praça Cairú, Comércio, Rua da Suíça, Rua Alfredo de Azevedo, Oscar Pontes, Frederico Pontes, Jequitaia e Água de Meninos. Nesta subárea, os estabelecimentos do comércio varejista dividem espaço com os do comércio por atacado. Nos serviços, o destaque fica por conta dos estabelecimentos que lidam com serviços educacionais, empresariais e financeiros.

**SUL DO CHS (Campo Grande/Campo da Pólvora/2 de Julho)** – São Bento, Av. Sete, São Pedro, Piedade, Rosário, Mercês, Aclamação, Campo Grande, Carlos Gomes, Aflitos, Largo Dois de Julho, Gamboa de Cima, Gamboa de Baixo, Politeama, Barris, Lapa, Tororó, Mouraria, Palma, Independência,

Gravatá, Boulevard Suíço, Boulevard América, Ladeira de Santana e Campo da Pólvora. No comércio varejista salientam-se os estabelecimentos ligados a vestuário e acessórios, ótica, armarinhos, bijuterias, *suvenir* e artesanatos e nos serviços aqueles ligados ao ramo de alimentação, os que prestam assistência às empresas e os vinculados à saúde e a educação.

Como se observa, o CHS, área indispensável de ser observada, foi a referência espacial para a definição das subáreas, tendo ela própria sido subdividida espacialmente.

### **3. ASPECTOS GERAIS DO CAS<sup>2</sup>**

#### **3.1 – Formação e Deterioração**

O Centro Antigo de Salvador, desde sua fundação em meados do século XVI, polarizou atividades portuárias, comerciais, administrativas e de serviços, especialmente nas regiões do Comércio/Calçada (Cidade Baixa) e Avenida Sete/Praça Castro Alves/Praça Municipal (Cidade Alta). Na verdade, a centralidade do que é hoje chamado CAS se estendia por toda a área insular e costeira da Baía de Todos os Santos, o Recôncavo, na qual eram produzidos bens para consumo interno e externo. Os bens para consumo doméstico eram comercializados nas feiras da Cidade Baixa (Preguiça, Água de Meninos, São Joaquim e Rampa do Mercado), enquanto as exportações destinadas a Portugal, África e Índia eram escoadas pelo Porto de Salvador, por onde também chegavam produtos importados e escravos. Portos fluviais localizados em Santo Amaro, Cachoeira e Nazaré das Farinhas garantiam a conexão, feita por saveiros e canoas, entre o Porto de Salvador e o Recôncavo.

O controle do CAS sobre a Baía de Todos os Santos e seu Recôncavo começa a perder força com a construção das primeiras ferrovias e rodovias na segunda metade do século XIX, novos meios de transporte estes que provocaram uma deterioração na rede de vilas do Recôncavo que vivia do transbordo de mercadorias e pessoas em seus portos fluviais. Do ponto de vista residencial, essa deterioração se estende para o CAS no final desse mesmo século XIX. Até então, a subárea do Centro Histórico (São Bento, Sé, Pelourinho e Carmo) abrigava sobrados onde os filhos dos senhores de engenho do Recôncavo, que estudavam na capital, e os próprios senhores, quando em Salvador, moravam, bem como autoridades e clérigos. Em outras palavras, o CHS era o local de residência da classe dominante da Bahia, especialmente de sua aristocracia rural. A mudança do eixo econômico e político do país, a abertura dos portos

---

<sup>2</sup> Esse capítulo baseia-se, fortemente, nos artigos de Gottschall e outros (2006), Queiroz (2006), Azevedo (2008), Fernandes (2008) e Franco e outros (2008).

brasileiros ao mundo, a independência de Portugal, a crise da agroindústria açucareira contribuem para a emergência de uma nova classe comercial urbana, muito ligada à Europa continental, com valores e comportamentos distintos da aristocracia rural, inclusive no que se refere à moradia. Ela começa a erguer viletas com amplos jardins nos novos bairros ao sul do CAS (Campo Grande, Canela, Vitória, Graça), próximos a praias, cujo acesso foi viabilizado pela implantação dos serviços de bonde.

A reforma urbana do Governador J.J. Seabra, já no século XX (1912-1916), ao priorizar a banda sul da cidade, excluindo metade do CHS, acelera esse processo de deterioração. Com isto, a parte norte da cidade (Sé, Carmo, Santo Antônio Além do Carmo, Barbalho e Soledade) conserva sua integridade física, mas perde competitividade com relação à parte modernizada. O vácuo deixado pelo empobrecimento e migração da velha aristocracia rural seria preenchido por imigrantes portugueses, espanhóis e árabes, ex-escravos, pessoas do interior que se transferiram para a capital, viajantes e estudantes que passam a viver em pensões, e pequenos negócios ligados às atividades comerciais e de prestação de serviços.

Do ponto de vista econômico e administrativo, a deterioração do CAS ocorre mais tarde. As regiões do Comércio/Calçada e Avenida Sete/Praça Castro Alves/Praça Municipal mantêm-se dinâmicas e vivem seu apogeu nas décadas de 1960 e 1970. A aceleração da industrialização baiana, iniciada com a construção da Refinaria Landulfo Alves e consolidada com a implantação do Pólo Petroquímico de Camaçari e a produção de automóveis, o crescimento demográfico, e o fluxo migratório para a Região Metropolitana de Salvador, devido ao seu crescimento econômico, estimulam um novo modelo de expansão urbana, viabilizado pela transferência de alguns equipamentos polarizadores para outros espaços, como a Estação Rodoviária e diversas secretarias de governo, agrupadas no Centro Administrativo da Bahia, distante 16 km do CAS. A nova infra-estrutura viária, que foi construída para dar acesso ao novo Centro Administrativo, combinada com a privatização de uma enorme quantidade de terras públicas, faria surgir um novo centro (Iguatemi/Paralela/Tancredo Neves) que passaria a competir com o CAS por

diversas atividades econômicas. O Comércio, por exemplo, que cumpria a função de centro bancário da Bahia, assiste, a partir dos anos 1990, o deslocamento dessa função para a Avenida Tancredo Neves.

Para Azevedo (2008), a divisão das cidades é uma das características das metrópoles do terceiro mundo: uma rica, branca e com serviços modernos; e outra informal, pobre, mestiça e sem infra-estrutura. Assumindo a explicação de Milton Santos, ele afirma que tal divisão é resultante de dois subsistemas da economia urbana: um circuito superior, formal e intensivo em capital, que engloba o comércio de importação e exportação, a indústria e os serviços modernos controlados nacional e internacionalmente; e outro, inferior e informal, intensivo de mão-de-obra pouco qualificada, constituído por atividades pré-industriais ou artesanais, pequeno comércio, ambulantes e prestação de serviços pessoais, tudo de âmbito local. As atividades econômicas do circuito superior, necessitando de maiores áreas e facilidades de circulação e estacionamento, criam centros alternativos. São áreas sem espaços de sociabilidade, nem valores simbólicos, despovoadas à noite e nos finais de semana, mas onde corre muito dinheiro. Este centro formal, geralmente, está próximo do centro antigo, formando uma centralidade partida. O caso de Salvador, como o de Lima, seria raro, pois os dois centros estão afastados. O centro dividido não teria ocorrido na Europa porque as sociedades locais não estavam divididas entre incluídos e excluídos. Ademais, os centros históricos europeus sofreram, quase sem exceção, reformas modernizadoras a partir da segunda metade do século XIX, para se adaptarem às exigências da era industrial.

Feita essa pequena digressão teórica, voltemos ao CAS. Não obstante sua continuada decadência, a política assistencialista do IPAC, nos anos 1980, fortaleceu o movimento negro que sempre esteve presente no CHS. Os afro-descendentes começaram a desenvolver atividades culturais, educativas e fizeram florescer um movimento musical negro, que embora não se restringisse ao Pelourinho, tinha seu foco nele. Com isto, uma grande população dos bairros vizinhos e da periferia norte da cidade começa a ser atraída para o CHS. O movimento ganharia projeção nacional e internacional e a reboque

desse movimento, o Governo da Bahia começaria, a partir de 1992, uma reforma no CHS.

### **3.2 – Reforma do CHS e suas Limitações**

Incrustado num perímetro tombado pelo IPHAN e pela UNESCO, o CHS é um dos maiores e mais expressivos conjuntos urbanísticos, paisagísticos e arquitetônicos do período colonial e do século XIX existentes no Brasil. Seu projeto de reforma, nos anos 1990, foi marcado por investimentos em modernização da infra-estrutura, reforma de prédios, limpeza de fachadas e retirada de moradores com o intuito de atrair novos investimentos e um novo público<sup>3</sup>. Particularmente, um enclave entre o Terreiro de Jesus e o Pelourinho foi transformado em um lugar de consumo e lazer, pautado no conceito de “*shopping* a céu aberto”. Atraídos pelos incentivos governamentais, um grande número de estabelecimentos se instalou na região.

O projeto do CHS não foi o único no Brasil naquela década. Várias cidades brasileiras, bem como estados e a própria União, dedicaram-se a elaborar e executar políticas de intervenção para os centros urbanos. Fernandes (2008) considera que tais políticas, em geral, ancoravam-se na implantação de programas fundados na reconquista de áreas restritas dos centros pelo capital corporativo e especulativo e pela construção de horizontes simbólicos banalizados e midiáticos. A eles, com força crescente, sobrepuseram-se estratégias vinculadas ao turismo.

Essas reformas higienistas dos centros das cidades brasileiras mostraram suas limitações e, no caso do Pelourinho, a euforia e o grande afluxo de visitantes não se sustentou por muito tempo. Tentando manter a perspectiva de lugar de consumo e lazer, a Secretaria de Cultura e Turismo da Bahia lançou o programa Pelourinho Dia & Noite que patrocinava eventos festivos e programação musical constante. Esta alternativa não foi também capaz de

---

<sup>3</sup> Entre 1992 e 1995 foram realizadas as quatro primeiras etapas da reforma. A quinta e sexta etapas ocorreram no período 1996-1999, ano no qual se iniciou a sétima etapa ainda não concluída.



atrair um público consumidor que promovesse a sustentabilidade econômica dos empreendimentos e do próprio espaço.

Segundo Azevedo (2008), a longa e tumultuada trajetória do projeto de reforma do CHS confirmaria o equívoco de uma visão do CAS como um problema localizado, não sistêmico, que poderia ser resolvido pelo turismo cultural. Teria faltado a compreensão da função central informal que a área desempenha, complementar ao centro do Iguatemi. A centralidade do CAS permanece viva e não se restringe aos aspectos produtivos e sócio-econômicos, senão também aos aspectos simbólicos e de identidade étnica. Para ele, a inclusão de habitações e comércio diversificado na sétima etapa desse projeto é um avanço e o reconhecimento da falência do modelo anterior.

### **3.3 – População, Escolaridade, Emprego e Renda no CAS**

O CAS é uma área de aproximadamente 7 km<sup>2</sup>, na qual circulam diariamente milhares de pessoas atraídas por diversas atividades comerciais e de serviços, equipamentos culturais e/ou por serem usuárias de um amplo, ainda que deficiente, sistema de transporte e de terminais de ônibus – Lapa, Barroquinha, França, Aquidabã e teleféricos. Em razão da deterioração já descrita, o esvaziamento residencial dessa região foi constatado no Censo 2000. Enquanto Salvador ganhava 1,4 milhões de habitantes entre 1970-2000, o CAS perdia quase 54 mil residentes. Em 2000, apenas 66,8 mil - 2,8% dos soteropolitanos - moravam nos bairros do CHS e seu entorno. O CHS, especificamente, era habitado por 13,5 mil pessoas. Em que pese este refluxo, os indicadores socioeconômicos dos residentes do CAS são superiores aos de Salvador, como demonstram Franco e outros (2008).

Usando dados da PED/RMS – UFBA/SEI/SEPLAN/SEADE/DIEESE, os autores acima dividiram o CAS em dois territórios, o CHS e seu entorno (ECH), e constataram que da população aí residente, entre 2005 e 2007, a proporção de pessoas da terceira idade (acima de 60 anos) tanto no CHS (14,6%) quanto no ECH (15,1%) é maior do que em Salvador (9,3%). O percentual de mulheres também é maior nesses dois territórios – CHS (55,3%), ECH (56,7%) – do que

em Salvador (53,7%). Uma outra informação importante revelada pelo artigo de Franco e outros (2008) diz respeito à proporção de recém-imigrados (residentes há menos de três anos) no CHS (12,1%), superior à de Salvador (9,8%), sendo que o percentual de jovens entre 18 e 24 anos nessa população recém chegada ao CAS (28,8%) é quase o dobro da observada para Salvador. Uma inferência pode ser feita: os aluguéis relativamente mais baratos, as condições de acessibilidade, o crescimento de Salvador e as dificuldades de locomoção urbana mantêm o CAS, com o seu conjunto de serviços, particularmente os educacionais, como um espaço bastante atrativo, sobretudo para os jovens de classe média de menor poder aquisitivo que vêm estudar na capital.

Em termos de escolaridade, o CAS leva, igualmente, vantagem com relação à média da população de Salvador. No CHS, 48,9% da população tem segundo grau completo ou mais, percentual este que sobe para 56,6% no ECH e cai para 39,1% em Salvador. Os indivíduos com terceiro grau completo são também em maior número no CHS (10,9%) e no ECH (16,6%) do que em Salvador (7,7%).

No que diz respeito à ocupação, sabe-se que a Região Metropolitana de Salvador, por motivos que não serão aqui tratados, apresenta as maiores taxas de desemprego das regiões metropolitanas brasileiras tanto na pesquisa SEADE/DIEESE quanto na do IBGE, tendo sido suplantada pela Região Metropolitana de Recife algumas poucas vezes. Todavia, quando os dados da PED/RMS referentes a emprego e renda em Salvador são desagregados, os indicadores de desemprego, formalização e rendimento beneficiam os moradores do CAS. Em três intervalos distintos de tempo, as menores taxas de desemprego foram verificadas no ECH, aparecendo o CHS em segundo lugar (Tabela 3.1).

Tabela 3.1: Taxa de desemprego total, Salvador, CHS e ECH (%)

ANOS	SALVADOR	CHS	ECH
<b>1997-1999</b>	23,3	19,1	17,8
<b>2001-2003</b>	26,5	22,0	18,1
<b>2005-2007</b>	22,4	17,5	16,6

FONTE: PED/RMS

Como se sabe, a redução do desemprego que vinha acontecendo no Brasil, pelo menos até antes da recente crise financeira, permitiu a queda da informalidade no país. A tabela 3.2 confirma esse fenômeno em Salvador, CHS e ECH. A informalidade entre os ocupados cai nas três áreas, sendo que as maiores quedas, a partir de 2004, ocorreram no CHS e no ECH. Apesar disso, o CHS continua exibindo a maior proporção de trabalhadores informais, ainda que no último período ela seja praticamente idêntica à de Salvador. Isto pode indicar certo dinamismo no CAS, tema a ser posteriormente tratado.

Tabela 3.2: Informalidade entre os ocupados, Salvador, CHS e ECH (%)

ANOS	SALVADOR	CHS	ECH
<b>1997-1999</b>	44,9	46,5	41,0
<b>2001-2003</b>	44,5	49,0	44,4
<b>2005-2007</b>	42,0	42,6	39,7

FONTE: PED/RMS

Do ponto de vista da posição na ocupação, a tabela 3.3 mostra que a população residente no CHS é formada por uma parcela significativa de assalariados do setor público (21,2%), um percentual bem acima do conjunto de Salvador (13,3%). Isto é explicado pela presença da Prefeitura e de várias entidades do Governo do Estado e do Poder Judiciário na área.

Tabela 3.3: Posição na ocupação, Salvador, CHS, 2005-2007 (%)

OCUPAÇÃO	SALVADOR	CHS
ASSALARIADO PRIVADO	49,1	41,6
ASSALARIADO PÚBLICO	13,3	21,2
DOMÉSTICA	9,4	6,1
AUTÔNOMO	21,8	21,8
NEGÓCIO FAMILIAR	1,4	2,0
EMPREGADOR	4,0	5,9

FONTE: PED/RMS

Duas outras observações devem ser feitas. A primeira diz respeito à menor proporção de empregadas domésticas no CHS, território onde a presença da classe média alta é menos significativa do que em Salvador. A segunda associa-se a maior presença relativa de empregadores residentes no CHS. Este fato vincula-se a forte presença de pequenos negócios na região, algo que será igualmente tratado nos próximos capítulos.

Por fim, algumas palavras sobre a renda dos ocupados. Devido ao perfil da população residente no CAS, notadamente sua escolaridade e posição ocupacional, os dados da renda mediana dos ocupados são melhores do que os referentes à Salvador em todos os anos listados na tabela 3.4, sobretudo no ECH.

Tabela 3.4: Renda mediana dos ocupados, Salvador, CHS e ECH (R\$)

ANOS	SALVADOR	CHS	ECH
2000	520	609	795
2001	508	627	743
2002	502	616	670
2003	456	513	642
2004	475	607	626
2005	472	562	628
2006	498	599	666
2007	531	631	799

FONTE: PED/RMS

Os dados mostram também uma recuperação dos rendimentos nas três regiões a partir de 2006, seguindo, mais uma vez, uma tendência nacional. Essa recuperação dos rendimentos deve ser, contudo, vista com cautela. A tabela 3.5 explicita a posição pouco favorável de Salvador e seu Centro Histórico em termos de faixa de renda da população ocupada.

Tabela 3.5: População ocupada por faixa de renda, Salvador e CHS, 2005-2007 (%)

FAIXAS	SALVADOR	CHS
ATÉ 1 SM	31,9	23,3
MAIS DE 1 SM A 2 SM	25,9	22,5
MAIS DE 2 SM A 5 SM	16,5	21,5
MAIS DE 5 SM A 10 SM	6,4	9,6
MAIS DE 10 SM	2,8	3,4

FONTE: PED/RMS

Como se observa, a renda mensal de quase 58% da população de Salvador, entre 2005 e 2007, era de menos de dois salários mínimos. No CHS, a situação era um pouco melhor, mas, de qualquer sorte, aproximava-se de 46%. Em ambas as regiões, menos de 3,5% da população ocupada auferia renda mensal superior a 10 salários mínimos.

À luz dos dados apresentados, o CAS, a despeito de abrigar pequenos contingentes populacionais em situação de vulnerabilidade social, apresenta um quadro econômico e social melhor que a realidade média da cidade. Este quadro, sugerido pelos dados, deve, contudo, ser **relativizado**, pois a média pode contemplar grandes disparidades. Isto é verdade no caso de uma metrópole como Salvador, cuja evolução, nos últimos 50 anos decorre, direta e indiretamente, do processo de industrialização da Bahia, extremamente concentrado em municípios (Camaçari, São Francisco do Conde, Simões Filho, Candeias, Dias D'Ávila) no entorno de sua capital.

A carência de infra-estrutura nesses municípios, a proximidade deles de Salvador, a atratividade da capital do estado, os elevados salários relativos nas grandes empresas produtoras de bens intermediários e o baixo custo de deslocamento entre Salvador e esses distritos industriais, em alguns casos assumidos pelas próprias empresas, impediram que os mesmos tivessem capacidade de fixar a mão-de-obra industrial nos seus territórios. Eles se tornaram municípios marcados por favelização e marginalização, nos quais a população local vive, basicamente, de atividades informais.

Salvador, por outro lado, desenvolveu um forte setor terciário e começou a passar por várias transformações, entre as quais as avenidas de vale e os novos bairros (Pituba/Itaigara/Iguatemi/Caminho das Árvores). Nesses novos bairros, ao longo de sua orla e na do município vizinho de Lauro de Freitas decidiu morar a classe média gerada pela industrialização. Essa dinâmica econômica aliada à estagnação do Recôncavo, interior do estado e parte do Nordeste brasileiro tornam a capital da Bahia captadora de parte dos migrantes dessas áreas, quase todos com baixa ou nenhuma qualificação, algo que dificultava a atuação dos mesmos na economia formal.

Com esse afluxo de migrantes, Salvador viverá um processo de inchamento que se materializará na acelerada expansão dos bairros populares e, posteriormente, dos periféricos. Em seu espaço, as regiões administrativas “ricas” convivem com o subúrbio ferroviário e o chamado “miolo”, onde se concentram os verdadeiros bolsões de miséria da cidade. Em suma, os indicadores socioeconômicos do CAS, frente à média de Salvador, que inclui os bairros populares e periféricos, seriam menos vistosos se fossem comparados a regiões administrativas como Barra e Pituba/Costa Azul.

## **4. ATIVIDADES ECONÔMICAS NAS SUBÁREAS DO CAS**

### **4.1 Atividades Predominantes**

Como se sabe, Salvador é uma cidade voltada, essencialmente, para atividades comerciais e de serviços. A distribuição dos ocupados por setor de atividade, exposta na tabela 4.1, evidencia esta característica.

As atividades comerciais e de serviços somadas ocupam, no mínimo, 85% das pessoas em Salvador, com uma clara superioridade dos serviços. No ano de 2008, os serviços ocuparam quase 62% das pessoas em Salvador. Vale destacar que os serviços domésticos, desagregados dos demais na tabela 4.1, em todo o período pesquisado, garantem mais ocupações que a indústria de transformação e a construção civil.

No CAS não poderia ser diferente. Observando outra fonte de dados, o cadastro da SEFAZ, em qualquer das subáreas pertencentes ao CAS predominam estabelecimentos ligados às atividades comerciais e de serviços. O maior percentual somado para as atividades industriais e de construção civil foi registrado na subárea CHS C, apenas 15,5% (Tabelas 4.2 a 4.7).

Tabela 4.1: Distribuição dos ocupados por setor de atividade (%) – Salvador

ANOS	TOTAL <sup>1</sup>	INDÚSTRIA	CONST. CIVIL <sup>2</sup>	COMÉRCIO	SERVIÇOS	SERV. DOMÉSTICOS
2000	100,0	7,4	4,9	16,7	58,8	11,1
2001	100,0	7,2	5,3	16,9	58,7	11,2
2002	100,0	7,4	4,8	16,7	59,9	10,4
2003	100,0	7,6	4,6	16,4	60,0	10,4
2004	100,0	7,3	4,1	16,8	60,7	9,9
2005	100,0	7,8	4,2	16,3	60,7	9,6
2006	100,0	7,5	4,6	16,8	60,3	9,5
2007	100,0	7,4	4,9	17,1	60,9	9,1
2008	100,0	7,3	5,3	16,2	61,8	8,5

FONTE: PED-RMS

<sup>1</sup> Inclui ocupados em outras atividades que não puderam ser desagregadas.

<sup>2</sup> Construção de edificações e obras de infra-estrutura; reforma e reparação de edificações.



Tabela 4.2: Atividades econômicas predominantes no CHS A<sup>4</sup>

<b>ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Comércio varejista	209	16,9%
Serviços de administração pública, defesa e seguridade social	118	9,5%
Construção	85	6,9%
Serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas	85	6,9%
Indústrias de transformação	72	5,8%
Comércio por atacado, exceto veículos automotores e motocicletas	60	4,8%
Serviços de reparação e manutenção de equipamentos de informática e comunicação e de objetos pessoais e domésticos	55	4,4%
Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas	41	3,3%
Serviços de alimentação	38	3,1%
Serviços de organizações associativas	36	2,9%
Serviços de seleção, agenciamento e locação de mão-de-obra	35	2,8%
Serviços de arquitetura e engenharia, testes e análises técnicas	34	2,7%
Serviços artísticos, criativos e de espetáculos	33	2,7%
Serviços de alojamento	28	2,3%
Serviços de transporte terrestre	25	2,0%
Outras	284	22,9%
<b>Total</b>	<b>1238</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: SEFAZ

<sup>4</sup> Subárea **São Bento/ Misericórdia**.

Tabela 4.3: Atividades econômicas predominantes na CHS B<sup>5</sup>

<b>ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Comércio varejista	677	50,0%
Serviços de alimentação	101	7,5%
Comércio por atacado, exceto veículos automotores e motocicletas	68	5,0%
Serviços de organizações associativas	59	4,4%
Indústrias de transformação	54	4,0%
Construção	45	3,3%
Serviços de reparação e manutenção de equipamentos de informática e comunicação e de objetos pessoais e domésticos	45	3,3%
Serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas	32	2,4%
Serviços de seleção, agenciamento e locação de mão-de-obra	28	2,1%
Outras	244	18,0%
<b>Total</b>	<b>1353</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: SEFAZ

<sup>5</sup> Subárea **Praça da Sé/Pelourinho/Taboão**.

Tabela 4.4: Atividades econômicas predominantes na área CHS C<sup>6</sup>

<b>ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Comércio varejista	22	16,3%
Comércio por atacado, exceto veículos automotores e motocicletas	16	11,9%
Serviços de alojamento	13	9,6%
Indústrias de transformação	13	9,6%
Serviços de alimentação	10	7,4%
Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas	8	5,9%
Construção	8	5,9%
Outras atividades de serviços pessoais	5	3,7%
Serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas	5	3,7%
Outras atividades	35	25,9%
<b>Total</b>	<b>135</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: SEFAZ

<sup>6</sup> Subárea Carmo/Santo Antonio.

Tabela 4.5: Atividades econômicas predominantes na área Norte - Leste do CHS<sup>7</sup>

<b>ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES</b>	<b>Nº DE ESTABELECEMENTOS</b>	<b>%</b>
Comércio varejista	270	23,5%
Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas	157	13,7%
Serviços de alimentação	87	7,6%
Serviços de atenção à saúde humana	85	7,4%
Indústrias de transformação	65	5,7%
Comércio por atacado, exceto veículos automotores e motocicletas	50	4,3%
Serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas	46	4,0%
Serviços de reparação e manutenção de equipamentos de informática e comunicação e de objetos pessoais e domésticos	43	3,7%
Serviços de educação	42	3,7%
Outras	305	26,5%
<b>Total</b>	<b>1150</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: SEFAZ

<sup>7</sup> Subárea **Dique/Nazaré/Barbalho**.

Tabela 4.6: Atividades econômicas predominantes na área Oeste do CHS<sup>8</sup>

<b>ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Comércio por atacado, exceto veículos automotores e motocicletas	652	11,7%
Comércio varejista	500	9,0%
Serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas	455	8,2%
Construção	372	6,7%
Serviços financeiros, seguros, previdência complementar e planos de saúde	316	5,7%
Serviços de consultoria em gestão empresarial	279	5,0%
Serviços de atenção à saúde humana	205	3,7%
Serviços jurídicos, de contabilidade e de auditoria	198	3,6%
Serviços de tecnologia da informação	196	3,5%
Outras	2398	43,0%
<b>Total</b>	<b>5571</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: SEFAZ

<sup>8</sup> Subárea **Contorno/Comércio/Água de Meninos**.

Tabela 4.7: Atividades econômicas predominantes na área Sul do CHS<sup>9</sup>

<b>ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Comércio varejista	1749	36,3%
Serviços de alimentação	350	7,3%
Serviços de atenção à saúde humana	305	6,3%
Comércio por atacado, exceto veículos automotores e motocicletas	260	5,4%
Serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas	222	4,6%
Outras	1932	40,1%
<b>Total</b>	<b>4818</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: SEFAZ

<sup>9</sup> Subárea **Campo Grande/2 de Julho/Campo da Pólvora**.

Como mencionado na introdução, os censos do SEBRAE (2005 e 2008) contemplam estabelecimentos formais e informais. Para permitir comparações entre esta fonte e o cadastro SEFAZ, optou-se nesta parte do diagnóstico por usar apenas os dados do setor formal, expostos nas tabelas 4.8 e 4.9. Eles também confirmam o predomínio das atividades comerciais e de serviços. No CHS, o comércio responde por quase 20% e os serviços por 29,3%. Já no Sul do CHS, o percentual do comércio se eleva (22,4%) e o dos serviços permanece praticamente inalterado (29,4%), percentuais que são, na verdade, ainda maiores, pois no item “outras” encontram-se incluídas diversas atividades comerciais e de serviços, além da indústria e construção civil.

Desagregando o chamado comércio ampliado, com base no cadastro SEFAZ, constata-se que na maioria das subáreas prevalece o comércio varejista (Tabelas 4.10 a 4.15).

Tabela 4.8: Atividades econômicas predominantes no CHS (CHS A + CHS B + CHS C)

<b>ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Bares, restaurantes e lanchonetes	109	13,7%
Comércio de roupas e confecções	54	6,8%
Comércio de peças e acessórios em som, imagem e comunicação	39	4,9%
Comércio de bijuterias e <i>suvenir</i>	39	4,9%
Hotéis e similares	37	4,7%
Escritórios de contabilidade	32	4,0%
Escritório de advocacia	31	3,9%
Comércio de produtos óticos e fotográficos	26	3,3%
Serviços especializados	24	3,0%
Outras <sup>10</sup>	400	50,6%
<b>Total</b>	<b>791</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: SEBRAE 2008

<sup>10</sup> Inclui atividades industriais e de construção civil.



Tabela 4.9: Atividades econômicas predominantes no sul do CHS

<b>ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Comércio de Roupas e Confecções	142	9,9%
Bares, restaurantes e lanchonetes	134	9,3%
Escritórios de contabilidade, advocacia, comerciais e afins	94	6,5%
Salões de beleza	81	5,6%
Clínicas e consultórios médicos e odontológicos	75	5,2%
Comércio de produtos óticos e fotográficos	49	3,4%
Comércio de artigos de festas e presentes	49	3,4%
Comércio de calçados, bolsas e sacolas	43	3,0%
Serviços educacionais e profissionalizantes	40	2,8%
Comércio de relógios e jóias	39	2,7%
Outras <sup>11</sup>	694	48,2%
<b>Total</b>	<b>1440</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: SEBRAE 2005

<sup>11</sup> Inclui atividades industriais e de construção civil.

Tabela 4.10: Comércio ampliado no CHS A

<b>ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Comércio varejista	209	67,4%
Comércio por atacado, exceto veículos automotores e motocicletas	60	19,4%
Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas	41	13,2%
<b>Total</b>	<b>310</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: SEFAZ

Tabela 4.11: Comércio ampliado no CHS B

<b>ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Comércio varejista	677	89,6%
Comércio por atacado, exceto veículos automotores e motocicletas	68	9,0%
Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas	11	1,5%
<b>Total</b>	<b>756</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: SEFAZ

Tabela 4.12: Comércio ampliado no CHS C

<b>ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Comércio varejista	22	47,8%
Comércio por atacado, exceto veículos automotores e motocicletas	16	34,8%
Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas	8	17,4%
<b>Total</b>	<b>46</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: SEFAZ

Tabela 4.13: Comércio ampliado no Norte – Leste do CHS

<b>ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Comércio varejista	270	56,6%
Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas	157	32,9%
Comércio por atacado, exceto veículos automotores e motocicletas	50	10,5%
<b>Total</b>	<b>477</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: SEFAZ

Tabela 4.14: Comércio ampliado no Oeste do CHS

<b>ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Comércio por atacado, exceto veículos automotores e motocicletas	652	52,9%
Comércio varejista	500	40,6%
Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas	81	6,6%
<b>Total</b>	<b>1233</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: SEFAZ

Tabela 4.15: Comércio ampliado no Sul do CHS

<b>ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Comércio varejista	1749	85,9%
Comércio por atacado, exceto veículos automotores e motocicletas	260	12,8%
Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas	28	1,4%
<b>Total</b>	<b>2037</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: SEFAZ

A única exceção nesta predominância do comércio varejista fica por conta da subárea Oeste do CHS (Tabela 4.14). Nesta, os estabelecimentos varejistas (40,6%) perdem a liderança para os estabelecimentos do comércio por atacado (52,9%), algo que pode ser explicado pela extensão da subárea e, acima de tudo, pela sua tradição histórica no comércio por atacado, devido à proximidade com o Porto de Salvador que, como visto, ao longo da conformação econômica da cidade servia para escoar as exportações destinadas a Portugal, África e Índia, receber produtos importados e conectar Salvador com os portos fluviais do Recôncavo.

Os censos empresariais realizados pelo SEBRAE (2005 e 2008) também destacam essa predominância. Os dados foram aqui omitidos, pois nas duas subáreas pesquisadas pela instituição (CHS A, B e C e Sul do CHS) o comércio varejista representa quase 100% do comércio ampliado. Diante disso, justifica-se uma análise desagregada do comércio varejista e dos serviços, a ser realizada nos capítulos 5 e 6.

Neste cenário, vale destacar um importante elemento que diferencia a vida econômica do CAS em relação à de algumas outras áreas da cidade de Salvador. No CAS, e especialmente em algumas das suas subáreas, predomina o comércio “de rua”, ou seja, casas comerciais localizadas em imóveis nas vias de trânsito das pessoas.

A atividade comercial assim estabelecida, formal ou informal, é a de maior peso em Salvador e é característica da estrutura de oferta que atende, de forma particular, à demanda da população de baixa renda, que é majoritária na capital da Bahia. Em algumas áreas do CAS, esta forma de organização do comércio varejista é especialmente significativa na realidade de Salvador e se diferencia do consumo das famílias de maior renda que é geralmente realizado em *Shoppings Centers*.

Assim, os *shoppings* existentes no CAS são, no geral, de pouca importância, com a exceção daqueles localizados em áreas de grande fluxo de pessoas,

como, por exemplo, aqueles próximos a terminais de transporte urbano (*Shoppings* Piedade e Lapa Center). Como tudo em Salvador, o consumo também é segmentado.

## 4.2 Perfil dos Estabelecimentos no CHS A, CHS B e CHS C<sup>12</sup>

No censo do CHS, o SEBRAE pesquisou 968 estabelecimentos industriais, comerciais e de serviços, formais e informais, que foram classificados nas três subáreas abaixo listadas. Agregadas, elas representam o CHS A, B e C.

1. CENTRO – Praça Castro Alves, Rua Chile, Praça da Sé, todos os acessos ao Terreiro de Jesus e vias adjacentes, incluindo Barroquinha, Ladeira da Praça, e 28 de Setembro.
2. PELOURINHO – Terreiro de Jesus/Largo do Cruzeiro e todas as vias internas até o Pelourinho.
3. SANTOANTÔNIO/CARMO – Taboão, Ladeiras do Carmo, Largo de Santo Antônio e todas as ruas do entorno, inclusive a Rua Direita até a Ladeira do Pilar.

Nessas três subáreas predominam os estabelecimentos formais, especialmente no Santo Antônio/Carmo (92,6%) onde novos empreendimentos hoteleiros e restaurantes, em geral de propriedade de estrangeiros, vêm sendo implantados nos últimos anos. Já a informalidade é mais acentuada na subárea do Centro (24,9%), na qual a presença de ambulantes é mais significativa (Tabela 4.16).

Tabela 4.16: Estabelecimentos formais e informais por subáreas

TIPO	CENTRO	PELOURINHO	S.ANT./CARMO	TOTAL
<b>FORMAL</b>	289 (75,1%)	390 (84,4%)	112 (92,6%)	791(81,7%)
<b>INFORMAL</b>	96 (24,9%)	72 (15,6%)	9 (7,4%)	177 (18,3%)
<b>TOTAL</b>	385 (100%)	462 (100%)	121 (100%)	968 (100%)

FONTE: SEBRAE (2008)

A expressão ambulante designa o trabalhador normalmente auto-empregado que vende diretamente ao consumidor (varejo) produtos diversos (geralmente

<sup>12</sup> A análise realizada nesta seção baseia-se no censo empresarial do SEBRAE (2008) que, como mencionado, contempla atividades formais e informais.

miudezas e mercadorias de baixo valor) ou que presta serviços (usualmente de alimentação) em vias e logradouros públicos (ruas, calçadas, praças, jardins etc.), com ou sem permissão oficial. Os ambulantes podem ser: efetivos - exercem sua atividade carregando junto ao corpo seus produtos ou equipamento e estão em circulação; de ponto móvel – exercem a atividade com a ajuda de veículos automotores ou outros veículos ou, ainda, possuem equipamento desmontável e removível; e de ponto fixo (barraqueiros) – exercem sua atividade em barracas não removíveis em locais previamente designados (Pamplona, 2001).

O segmento formal predomina em todos os setores de atividade econômica, particularmente no de serviços com 406 estabelecimentos, 51,3% do total, sendo seguido pelo setor comercial com 312 estabelecimentos, equivalendo a uma participação de 39,4% (Tabelas 4.17 e 4.18). Como demonstrado na seção anterior, em todo o CAS preponderam os estabelecimentos comerciais e de serviços. As mesmas tabelas 4.17 e 4.18 reafirmam essa constatação, independentemente desses estabelecimentos serem formais ou informais. O setor de serviços responde pelo maior número de estabelecimentos formais e informais (492), correspondendo a 50,8% do total de 968 estabelecimentos pesquisados, enquanto o comércio, com 392 unidades, participa com 40,5%.

Tabela 4.17: Estabelecimentos formais por setor de atividade

SETOR	CENTRO	PELOURINHO	S.ANT./CARMO	TOTAL
<b>COMÉRCIO</b>	79 (27,3%)	206 (52,1%)	30 (26,8%)	312 (39,4%)
<b>INDÚSTRIA</b>	25 (8,7%)	36 (9,2%)	12 (10,7%)	73 (9,2%)
<b>SERVIÇOS</b>	185 (64,0%)	151 (38,7%)	70 (62,5%)	406 (51,3%)
<b>TOTAL</b>	289 (100%)	390 (100%)	121 (100%)	791 (100%)

FONTE: SEBRAE (2008)

Tabela 4.18: Estabelecimentos informais por setor de atividade

SETOR	CENTRO	PELOURINHO	S.ANT./CARMO	TOTAL
<b>COMÉRCIO</b>	55 (57,3%)	16 (22,2%)	9 (100%)	80 (45,2%)
<b>INDÚSTRIA</b>	5 (5,2%)	6 (8,3%)	0 (0%)	11 (6,2%)
<b>SERVIÇOS</b>	36 (37,5%)	50 (69,4%)	0 (0%)	86 (48,6%)
<b>TOTAL</b>	96 (100%)	72 (100%)	9 (100%)	177 (100%)

FONTE: SEBRAE (2008)

Observando os estabelecimentos formais e informais, verifica-se o maior peso do setor de serviços, 51,3% e 48,6%, respectivamente, contra 39,4% e 45,2% do setor comercial. Os estabelecimentos prestadores de serviços formais estão, em sua maioria, localizados no Centro (64%) e no Santo Antônio/Carmo (62,5%). Como visto nos dados da SEFAZ, eles lidam, no Centro, com prestação de serviços de administração pública, defesa e seguridade social, e para as empresas, especialmente serviços de escritório e apoio administrativo e no Santo Antônio/Carmo com serviços de alojamento e alimentação, que dão suporte ao Lazer e Turismo, e pessoais. Os informais, por sua vez, se fazem mais presentes no Pelourinho (69,4%).

As atividades comerciais têm uma importância maior em termos informais (45,2%) do que formais (39,4%). As formais estão mais presentes no Pelourinho (52,1%), espaço pioneiro na recepção de investimentos públicos e privados no CHS. A tentativa de transformar aquela subárea em um *shopping a céu aberto* atraiu um grande número de estabelecimentos formais. Já as atividades comerciais informais localizam-se em maior número no Santo Antônio/Carmo (100%), embora em números absolutos a liderança seja do Centro (55 estabelecimentos), subárea fortemente marcada pela presença de ambulantes.

Observando o tempo de existência dos negócios formais e informais no CHS (Tabelas 4.19 e 4.20), percebe-se que a substitubilidade desses negócios é, relativamente, baixa. Nos formais, 55,2% já existem há no mínimo 5 anos, percentual que sobe para 66,1% nos informais.



Tabela 4.19: Tempo de existência dos negócios formais (%)

TEMPO	CENTRO	PELOURINHO	S.ANT./CARMO	TOTAL
Até 1 ano	16,3	12,1	22,3	15,0
+ de 1 a 3 anos	13,8	13,6	15,2	13,9
+ de 3 a 5 anos	18,7	13,1	17,9	15,8
+ de 5 a 10 anos	17,0	25,6	17,0	21,2
+ de 10 anos	34,3	35,6	27,7	34,0
<b>TOTAL</b>	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: SEBRAE (2008)

Ou seja, a mortalidade dos negócios é baixa. Apenas 15% dos negócios formais e 10,2% dos informais têm menos de 1 ano. Isto surpreende, pois, como se verá a seguir, o porte desses negócios é, na sua grande maioria, diminuto. Micro e pequenos negócios tendem a ter um ciclo de vida curto, o oposto do que indicam os dados. Como explicar esse aparente paradoxo? A obtenção de um bom faturamento, ainda que ele seja sazonal, é uma possibilidade.

Tabela 4.20: Tempo de existência dos negócios informais (%)

TEMPO	CENTRO	PELOURINHO	S.ANT./CARMO	TOTAL
Até 1 ano	8,3	9,7	33,3	10,2
+ de 1 a 3 anos	14,6	13,9	11,1	14,1
+ de 3 a 5 anos	11,5	6,9	11,1	9,6
+ de 5 a 10 anos	29,2	26,4	11,1	27,1
+ de 10 anos	36,5	43,1	33,3	39,0
<b>TOTAL</b>	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: SEBRAE (2008)

A possibilidade de um bom faturamento não parece ser confirmada pelos dados expostos nas tabelas 4.21 e 4.22. O verbo é usado no condicional, pois esta é uma informação que costuma ser subestimada.

Tabela 4.21: Faturamento bruto mensal dos negócios formais (%)

<b>R\$ MIL</b>	<b>CENTRO</b>	<b>PELOURINHO</b>	<b>S.ANT./CARMO</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Até 3</b>	43,3	42,6	54,5	44,5
<b>+ de 3 a 6</b>	18,7	11,8	7,1	13,7
<b>+ de 6 a 10</b>	4,8	6,9	6,3	6,1
<b>+ de 10 a 20</b>	9,3	10,0	3,6	8,8
<b>+ de 20 a 50</b>	7,6	9,2	5,4	8,1
<b>+ de 50</b>	2,4	3,3	3,6	3,0
<b>SEM RESPOSTA</b>	13,8	16,2	19,6	15,8
<b>TOTAL</b>	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: SEBRAE 2008

Essa subestimação é reforçada pelo fato de 15,8% dos entrevistados formais e 5,1% dos informais não terem dado informações sobre esta variável. Como se nota, o faturamento bruto mensal é baixo. Ele não ultrapassa R\$ 3 mil para 44,5% dos estabelecimentos formais e é menor que R\$ 500 para 65,6% dos informais. Apenas 3% dos negócios formais faturam mensalmente acima de R\$ 50 mil.

Tabela 4.22: Faturamento bruto mensal dos negócios informais (%)

<b>R\$ MIL</b>	<b>CENTRO</b>	<b>PELOURINHO</b>	<b>S.ANT./CARMO</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Até 250</b>	27,1	31,9	33,3	29,4
<b>+ de 250 a 500</b>	34,4	38,9	33,3	36,2
<b>+ de 500 a 1 mil</b>	21,9	13,9	33,3	19,2
<b>+ de 1 a 3 mil</b>	7,3	9,7	0	7,9
<b>+ de 5 mil</b>	2,1	2,8	0	2,3
<b>SEM RESPOSTA</b>	7,3	2,8	0	5,1
<b>TOTAL</b>	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: SEBRAE 2008

Em vista disso, como se justifica a longevidade dos negócios no CHS? Duas outras possibilidades podem ser aventadas: o pagamento de baixos aluguéis, muitas vezes em razão do diminuto espaço alugado; e à utilização de parte do

imóvel residencial próprio para a localização do negócio. Estas duas alternativas parecem mais robustas de acordo com o censo de SEBRAE. Apenas 4,6% dos imóveis possuem mais de 400 m<sup>2</sup>, sendo que 55,5% medem até 50 m<sup>2</sup>. Os imóveis próprios representam 35% do total e 63,8% pagam aluguéis modestos: 19,2% desembolsam valores inferiores a R\$ 250,00 e 50,5% pagam até R\$ 500,00.

Voltando à questão do faturamento. Se todos os entrevistados subestimaram seus faturamentos de forma proporcional, os dados acima servem pelo menos para que se possa deduzir que o porte da grande maioria dos negócios é diminuto. Tal dedução é confirmada pelas informações apresentadas nas tabelas 4.23 e 4.24.

Tabela 4.23: Pessoal ocupado nos negócios formais (%)

<b>PESSOAS</b>	<b>CENTRO</b>	<b>PELOURINHO</b>	<b>S.ANT./CARMO</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Até 1</b>	<b>29,8</b>	<b>19,5</b>	<b>31,3</b>	<b>24,9</b>
<b>De 2 a 5</b>	<b>52,2</b>	<b>56,2</b>	<b>50,0</b>	<b>53,9</b>
<b>De 6 a 10</b>	<b>13,1</b>	<b>17,4</b>	<b>10,7</b>	<b>14,9</b>
<b>Acima de 10</b>	<b>4,8</b>	<b>5,6</b>	<b>8,0</b>	<b>5,7</b>
<b>SEM RESPOSTA</b>	<b>0,0</b>	<b>1,3</b>	<b>0,0</b>	<b>0,6</b>
<b>TOTAL</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

FONTE: SEBRAE 2008

O número de pessoas ocupadas, incluindo sócios e empregados, deixa claro que os negócios formais e informais pesquisados pelo SEBRAE são, essencialmente, abrigados em micros estabelecimentos.

Tabela 4.24: Pessoal ocupado nos negócios informais (%)

PESSOAS	CENTRO	PELOURINHO	S.ANT./CARMO	TOTAL
<b>Até 1</b>	80,2	65,3	88,9	74,6
<b>De 2 a 5</b>	18,8	33,3	11,1	24,3
<b>De 6 a 10</b>	1,0	1,4	0,0	1,1
<b>TOTAL</b>	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: SEBRAE 2008

Nos negócios formais, 78,8% das empresas possuem, no máximo, 5 pessoas ocupadas. Quando se amplia esse contingente até a faixa com 10 pessoas, alcança-se o equivalente a 93,7% do total de estabelecimentos formais. Apenas 5,7% das 791 empresas pesquisadas empregam mais de 10 pessoas (Tabela 4.23). Já nos informais, 74,6% dos 177 estabelecimentos entrevistados ocupam apenas 1 pessoa (Tabela 4.24).

Em suma, a maioria dos estabelecimentos do CHS atua no comércio e serviços, possui reduzida taxa de mortalidade, auferem um baixo faturamento, são formalizados e ocupam um reduzido contingente de pessoas. Como essa ocupação não ultrapassa, significativamente, mais de 9 pessoas, limite que define uma microempresa, pode-se afirmar que o universo dos negócios comerciais e de serviços da região é composto, fundamentalmente, de micro gestores.

### 4.3 Perfil dos Estabelecimentos no SUL DO CHS<sup>13</sup>

O censo do SEBRAE 2005 pesquisou 2047 estabelecimentos industriais, comerciais e de serviços em ruas e avenidas localizadas entre a Praça Castro Alves e o Campo Grande, desdobrando-se pela Carlos Gomes, Largo Dois de Julho, Rua Direita da Piedade, parte da Joana Angélica e adjacências. Agregadas, elas representam o Sul do CHS.

Nessa subárea, os estabelecimentos formais (1440) são maioria, representando 70,3% do total, e atuam predominantemente no comércio e serviços. Esta atuação predominante é também verdadeira para os 607 estabelecimentos informais (Tabela 4.25). Em termos do somatório de estabelecimentos formais e informais (2047), o setor comercial responde pelo maior número (1135), 55,4% do total, enquanto o setor de serviços participa com 893 unidades (43,6%).

Tabela 4.25: Estabelecimentos formais e informais por setor de atividade

TIPO	INDÚSTRIA	COMÉRCIO	SERVIÇOS	TOTAL
<b>FORMAL</b>	19 (100%)	645 (56,8%)	776 (86,9%)	1440(70,3%)
<b>INFORMAL</b>	-	490 (43,2%)	117 (13,1%)	607 (29,7%)
<b>TOTAL</b>	19 (100%)	1135 (100%)	893 (100%)	2047 (100%)

FONTE: SEBRAE (2005)

Nas atividades de serviços, nas quais 893 estabelecimentos dedicam-se às mesmas, a predominância do segmento formal (776) é marcante, equivalendo a 86,9% do total. Como observado nos dados da SEFAZ, isto se deve a forte presença de estabelecimentos que prestam serviços de alimentação e atenção à saúde humana que, em sua grande maioria, precisam, obrigatoriamente, ser formalizados.

<sup>13</sup> A análise realizada nesta seção baseia-se nos censo empresarial do SEBRAE (2005) que, como mencionado, contempla atividades formais e informais.

Já entre os 1135 estabelecimentos comerciais ocorre um relativo equilíbrio entre formais (56,8%) e informais (43,2%). Neste caso, o comércio varejista formal divide espaço com ambulantes localizados nas proximidades da Estação da Lapa, dos *Shoppings Centers* Lapa e Piedade e nas transversais da Avenida Sete e Carlos Gomes.

Quando os percentuais apresentados na tabela 4.25 são totalizados horizontalmente, outra interpretação pode ser dada aos números. Nota-se na tabela 4.26 que do total de 1440 estabelecimentos formais pesquisados, 53,9% são do setor de serviços (776), 44,8% são comerciais e apenas 1,3% são unidades industriais.

Tabela 4.26: Estabelecimentos formais e informais por setor de atividade

TIPO	INDÚSTRIA	COMÉRCIO	SERVIÇOS	TOTAL
<b>FORMAL</b>	19 (1,3%)	645 (44,8%)	776 (53,9%)	1440(100%)
<b>INFORMAL</b>	-	490 (80,7%)	117 (19,3%)	607 (100%)
<b>TOTAL</b>	19	1135	893	2047

FONTE: SEBRAE (2005)

Existe, portanto, uma dominância do setor serviços entre as atividades formais, situação que se modifica substancialmente quando se observa as atividades informais, nas quais o comércio exibe uma liderança incontestável (80,7%). Como mencionado acima, a obrigatoriedade na formalização do tipo de serviço que se destaca na área pesquisada e a forte presença de ambulantes concorrendo com lojistas formalmente estabelecidos justificam esses percentuais.

Observando o tempo de existência dos negócios formais e informais (Tabela 4.27), percebe-se que, a exemplo do ocorrido no CHS, a mortalidade desses negócios é, relativamente, baixa. Nos formais, 63% têm no mínimo 4 anos, percentual que se eleva para 74,4% nos informais. Apenas 13,8% dos negócios formais e 12,4% dos informais têm menos de 1 ano. Novamente, tais percentuais surpreendem, pois, como se verá a seguir, o porte desses negócios é, na sua grande maioria, diminuto.

Tabela 4.27: Existência dos negócios formais e informais (%)

TEMPO	FORMAIS	INFORMAIS
Até 1 ano	13,8	12,4
+ de 2 a 3 anos	13,8	13,2
+ de 4 a 8 anos	25,7	20,9
+ de 9 a 15 anos	19,6	28,7
+ de 16 a 30 anos	10,1	20,8
Acima de 30 anos	7,6	4,0
SEM RESPOSTA	0,4	0,0
<b>TOTAL</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

FONTE: SEBRAE (2005)

Outra variável pesquisada pelo SEBRAE merece destaque. O tempo de existência do negócio no local (Tabela 4.28) pode indicar o grau de mobilidade desses negócios na área recenseada.

Tabela 4.28: Existência dos negócios formais e informais no local (%)

TEMPO	FORMAIS	INFORMAIS
Até 1 ano	24,6	22,2
+ de 2 a 3 anos	19,4	16,5
+ de 4 a 8 anos	24,5	31,8
+ de 9 a 15 anos	14,7	18,5
+ de 16 a 30 anos	12,0	9,1
Acima de 30 anos	4,1	1,5
SEM RESPOSTA	0,7	0,5
<b>TOTAL</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

FONTE: SEBRAE (2005)

Entre os negócios formais, 44% estão no mesmo local há no máximo três anos, percentual que sofre uma pequena redução entre os informais (38,7%). Ou seja, o cruzamento dos dados das tabelas 4.27 e 4.28 sugere que apesar da baixa mortalidade dos negócios formais e informais, eles passam por um processo de realocação no interior do espaço urbano da região: cerca de um

quarto desses negócios estão no local há menos de 1 ano. Em uma primeira aproximação, esta mobilidade dos negócios pode estar associada à alterações na dinâmica econômica da região que estimulam os gestores dos negócios formais e informais a se transferirem de local como forma de obter faturamento mais elevado.

Os números relativos ao faturamento bruto mensal dos negócios da área trazem novamente à tona o problema da subestimação dessa variável, mencionada na análise do CHS. Aqui ele parece estar igualmente presente, uma vez que 22,9% dos entrevistados formais e 6,3% dos informais alegam desconhecer seus faturamentos mensais (Tabelas 4.29 e 4.30).

Tabela 4.29: Faturamento bruto mensal dos negócios formais

R\$ MIL	ESTABELECEMENTOS	%
<b>Até 1</b>	200	13,9
<b>+ de 1 a 3</b>	299	20,8
<b>+ de 3 a 6</b>	193	13,4
<b>+ de 6 a 10</b>	127	8,8
<b>+ de 10 a 20</b>	110	7,6
<b>+ de 20 a 40</b>	85	5,9
<b>+ de 40 a 50</b>	35	2,4
<b>+ de 50 a 100</b>	34	2,4
<b>Acima de 100</b>	27	1,9
<b>SEM RESPOSTA</b>	330	22,9
<b>TOTAL</b>	1440	100,0

FONTE: SEBRAE 2005

Além disso, é difícil acreditar que 34,7% dos negócios formais faturem mensalmente no máximo R\$ 3 mil e quase 60% dos informais apenas R\$ 500,00. Apenas 6,7% dos estabelecimentos formais têm faturamento acima de R\$ 40 mil e entre os 607 estabelecimentos informais, não mais que 17 (2,7%) auferem valores superiores a R\$ 3 mil.



Tabela 4.30: Faturamento bruto mensal dos negócios informais

R\$	ESTABELECEMENTOS	%
<b>Até 250</b>	144	23,7
<b>+ de 250 a 500</b>	218	35,9
<b>+ de 500 a 1 mil</b>	143	23,6
<b>+ de 1 mil a 3 mil</b>	47	7,7
<b>+ de 3 mil a 5 mil</b>	10	1,6
<b>+ de 5 mil a 7 mil</b>	5	0,8
<b>+ de 7 mil a 10 mil</b>	-	-
<b>Acima de 10 mil</b>	2	0,3
<b>SEM RESPOSTA</b>	38	6,3
<b>TOTAL</b>	607	100,0

FONTE: SEBRAE 2005

Cabe repetir um comentário feito na análise do CHS: se todos os entrevistados subestimaram seus faturamentos de forma proporcional, os dados podem indicar um porte acanhado da grande maioria dos negócios. Tal porte pode ser avaliado pelo número de pessoas ocupadas nos negócios formais e informais (Tabelas 4.31 e 4.32).

Como se observa na tabela 4.31, o número de pessoas ocupadas, incluindo sócios e empregados, nos estabelecimentos formais deixa claro que esses estabelecimentos são de pequeno porte. A grande maioria das empresas, 1063, correspondendo a 66,2% do total, ocupa no máximo 5 pessoas. Quando se amplia esse contingente até a faixa de 9 pessoas ocupadas, alcança-se o equivalente a 83,5% do total das empresas.

Tabela 4.31: Pessoal ocupado nos negócios formais

<b>PESSOAS</b>	<b>ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
<b>Até 1</b>	139	9,7
<b>De 2 a 5</b>	814	56,5
<b>De 6 a 9</b>	249	17,3
<b>De 10 a 19</b>	151	10,5
<b>De 20 a 49</b>	62	4,3
<b>ACIMA de 49</b>	18	1,2
<b>SEM RESPOSTA</b>	7	0,5
<b>TOTAL</b>	1440	100,0

FONTE: SEBRAE 2005

Como o limite de 9 pessoas ocupadas define o conceito de microempresa, quase 84% dos estabelecimentos formais pesquisados são de propriedade de microempresários. Caso se incorpore as empresas que ocupam até 19 pessoas, pode-se afirmar que 94% das mesmas são classificadas como micro e pequenas empresas, público-alvo do SEBRAE.

Tabela 4.32: Pessoal ocupado nos negócios informais (%)

<b>PESSOAS</b>	<b>ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
<b>Até 1</b>	390	64,3
<b>De 2 a 9</b>	217	35,7
<b>De 10 a 15</b>	-	-
<b>ACIMA de 15</b>	-	-
<b>SEM RESPOSTA</b>	-	-
<b>TOTAL</b>	607	100,0

FONTE: SEBRAE 2005

Nos negócios informais, 64,3% dos 607 estabelecimentos entrevistados ocupam apenas 1 pessoa (Tabela 4.32). Não existem estabelecimentos que ocupem mais de 9 pessoas. Vale dizer, o segmento informal é formado por micro negócios.

Em síntese, algumas características do perfil dos estabelecimentos localizados no CHS A, B e C repetem-se no Sul do CHS. A maioria deles atua no comércio e serviços, possui reduzida taxa de mortalidade, auferem um baixo faturamento, são formalizados e ocupam um reduzido contingente de pessoas. Como essa ocupação não ultrapassa, significativamente, mais de 9 pessoas, limite que define uma microempresa, pode-se afirmar que o universo dos negócios comerciais e de serviços da região é composto, fundamentalmente, de microgestores. Um aspecto distinto entre as duas áreas analisadas que deve ser destacado é que apesar da relativa longevidade dos negócios, presente em ambas, no Sul do CHS constata-se certa mobilidade na ocupação dos espaços da área pelos negócios formais e informais.

## **5. COMÉRCIO VAREJISTA NAS SUBÁREAS DO CAS**

O comércio varejista, de acordo com o IBGE, é composto pelas vendas dos seguintes bens:

- Combustíveis e lubrificantes;
- Produtos alimentícios, bebidas e fumo;
- Tecidos, vestuário e calçados;
- Móveis e eletrodomésticos;
- Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, perfumaria e cosméticos;
- Livros, jornais, revistas e papelaria;
- Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação; e
- Outros artigos de uso pessoal e doméstico.

No CAS é possível encontrar uma diversidade de atividades comerciais varejistas, o que dá ao consumidor final um grande leque de escolhas quanto a qualidade e preços. A proximidade entre os estabelecimentos comerciais dentro das subáreas trabalhadas atrelada à tradição de algumas ruas faz com que residentes das mais diversas regiões da cidade se desloquem até o CAS para adquirirem bens de consumo final.

### **5.1 CHS A**

No CHS A (São Bento/Misericórdia), dentre as atividades do comércio varejista, merecem destaque o comércio de equipamentos de informática (13,9%), majoritariamente localizado na Rua das Vassouras, e o de artigos de vestuário (12,4%) (Tabela 5.1). De acordo com o cadastro da SEFAZ, todos os estabelecimentos de informática foram cadastrados entre 2007 e 2008. Esse talvez seja um indicativo de uma nova dinâmica dessa sub-região, associada ao surgimento de atividades que buscam sinergias com os escritórios de contabilidade e serviços administrativos, que demandam artigos de informática, e com as empresas de eletrônica localizadas no entorno da Praça da Sé.

Tabela 5.1: Comércio varejista no CHS A

<b>COMÉRCIO VAREJISTA</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Equipamentos e suprimentos de informática	29	13,9%
Vestuário e acessórios	26	12,4%
Outros produtos não especificados anteriormente	20	9,6%
Artigos de ótica	11	5,3%
Artigos de caça, pesca e camping	8	3,8%
Livros	8	3,8%
Eletrodomésticos e equipamentos de áudio e vídeo	7	3,3%
Outros	100	47,8%
<b>Total</b>	<b>209</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: SEFAZ

O comércio de artigos de vestuário (12,4%), por sua vez, se localiza, principalmente, na Ladeira e Largo da Barroquinha, Ladeira da Praça e Rua Chile. O peso dessa atividade na subárea não é nenhuma surpresa, uma vez que na época em que o Centro Antigo era a principal referência para realização da maior parte das transações econômicas em Salvador, a Barroquinha e adjacências juntamente com a Baixa dos Sapateiros - apesar desta última está majoritariamente situada no CHS B - apresentavam uma elevada concentração de lojas voltadas para o comércio de confecções.

Em que pese a importância dessas atividades, há que se destacar que o CHS A é marcado por uma forte pulverização do comércio varejista, pois as demais atividades somadas representam 73,7% do total da sub-região. Nesse sentido, é possível dizer que nela encontra-se “um pouco de tudo”, desde itens com maior grau de sofisticação tecnológica até artigos mais intensivos em mão de obra, como confecções com baixo grau de sofisticação, menor valor agregado e que não utilizam a marca como fator de diferenciação.

## **5.2 CHS B**

No CHS B (Praça da Sé/Pelourinho/Taboão), os estabelecimentos vinculados à oferta de vestuário e acessórios lideram com 25,7%, vindo em seguida os que vendem *suvenir*, bijuterias e artesanatos com 7,5% do total (Tabela 5.2).

Tabela 5.2: Comércio varejista no CHS B

<b>COMÉRCIO VAREJISTA</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Vestuário e acessórios	174	25,7%
<i>Suvenir</i> , bijuterias e artesanatos	51	7,5%
Artigos de armarinho	37	5,5%
Outros artigos de uso pessoal e doméstico não especificados anteriormente	33	4,9%
Eletrodomésticos e equipamentos de áudio e vídeo	30	4,4%
Cama, mesa e banho	29	4,3%
Outros produtos não especificados anteriormente	28	4,1%
Outros	295	43,6%
<b>Total</b>	<b>677</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: SEFAZ

Esta subárea é caracterizada pela diversidade de movimentos culturais, especialmente no Pelourinho, onde nota-se a predominância de atividades que dão suporte ao lazer, turismo e cultura e, ao mesmo tempo, refletem a identidade cultural da mesma. Tais estabelecimentos buscam, de alguma forma, conquistar o gosto do consumidor (turista ou local) por meio de uma “marca regional”, de forma que aqueles que adquirem os produtos o fazem para recordar posteriormente do local ou presentear alguém. Assim, o CHS B, especialmente o Pelourinho, pode ser visto como uma espécie de vendedor de “cartões-postais” do conjunto do CHS.

Já o comércio varejista de vestuário e acessórios, artigo de armarinho e demais artigos de uso pessoal são mais voltados para o consumidor local de baixa renda e não utilizam a marca como elemento de diferenciação, mais sim a variável preço. Os quatro principais segmentos do comércio varejista do CHS B, que em grande medida apresentam grau de semelhança, somados representam 43,6%. O comércio varejista de vestuário e acessórios concentra-se na Baixa dos Sapateiros (86,2%) e o de *suvenir* e bijuterias principalmente no Pelourinho (54,9%) e na Avenida J.J. Seabra/Baixa dos Sapateiros (23,5%). Dos 30 estabelecimentos voltados para o varejo de eletrodomésticos, áudio e vídeo, 19 estão na Baixa dos Sapateiros. Ainda nesta localidade são encontrados 27 dos 29 estabelecimentos de artigos de cama, mesa e banho.

Quando comparado com o CHS A, o CHS B é menos pulverizado sob o ponto de vista das atividades econômicas. É possível dividi-lo, quanto aos produtos comercializados, em três grandes áreas de predominância: varejo de confecções, enxovais e afins; varejo de eletroeletrônicos; e varejo de *suvenir* e bijuterias. Os dois primeiros focados no consumidor local e o último no turista.

No que diz respeito ao segmento voltado para o turista, é possível observar o caráter predatório da concorrência, baseada em produtos de pouca qualidade, reduzida diferenciação e diminuta agregação de valor, que leva a baixos níveis de rendimento e retorno dos empreendimentos aí localizados.



### **5.3 CHS C**

Quando se compara o CHS C (Carmo/Santo Antonio) com as outras duas áreas do CHS, não se contabiliza um grande número de estabelecimentos varejistas. Eles são apenas 22 (Tabela 5.3).

Tabela 5.3: Comércio varejista no CHS C

<b>COMÉRCIO VAREJISTA</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Produtos alimentícios em geral ou especializado em produtos alimentícios não especificados anteriormente	4	18,2%
Mercadorias em geral, com predominância de alimentos	3	13,6%
Vestuário e acessórios	2	9,1%
Outros produtos não especificados anteriormente	2	9,1%
Outros	11	50,0%
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: SEFAZ

Os estabelecimentos ofertam alimentos e bebidas voltados, sobretudo, para os turistas aí alojados. O varejo de alimentos e bebidas somado totaliza 31,8%, enquanto que o conjunto “outras” atividades varejistas responde por 50% do total, sendo estas constituídas das mais diversas atividades, tais como armarinho, bijuterias, *suvenir*, joalheria, papelaria, bomboniere etc. Por conta disso, pode-se afirmar que essa sub-região é marcada por uma expressiva pulverização das atividades do comércio varejista.

Agregando o comércio varejista do conjunto do Centro Histórico de Salvador, constata-se uma clara predominância de estabelecimentos dedicados à venda de artigos de vestuários (22,2%), majoritariamente localizados na Baixa dos Sapateiros e Barroquinha, onde se concentram 159 dos estabelecimentos, representando 78,7% do total. Já o comércio de *suvenir* está, basicamente, situado no Pelourinho (28 dos estabelecimentos, equivalendo a 50,9% do total).

Quando se comparam os dados do Cadastro SEFAZ com os do Censo SEBRAE 2008, para o conjunto do CHS (Tabelas 5.4 e 5.5), se observa diferenças importantes em termos de atividades e percentuais a elas associados no *ranking* do comércio varejista. Em primeiro lugar, essa diferença se explica por conta da área de abrangência dos dados SEFAZ e SEBRAE. No Censo SEBRAE 2008 não foram pesquisadas as localidades de Baixa dos Sapateiros e Barroquinha, o que exclui uma parte significativa dos estabelecimentos que vendem artigos de vestuário e armarinho (246). Em segundo lugar, os dados do Censo SEBRAE não obedecem rigorosamente a CNAE, o que acaba por dificultar comparações mais precisas.

Tabela 5.4: Comércio varejista no CHS (CHS A + CHS B + CHS C)

<b>COMÉRCIO VAREJISTA</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Vestuário e acessórios	202	22,2%
<i>Suvenir</i> , bijuterias e artesanatos	55	6,1%
Outros produtos não especificados anteriormente	50	5,5%
Equipamentos e suprimentos de informática	46	5,1%
Artigos de armarinho	44	4,8%
Eletrodomésticos e equipamentos de áudio e vídeo	37	4,1%
Outros artigos de uso pessoal e doméstico não especificados anteriormente	36	4,0%
Artigos de cama, mesa e banho	30	3,3%
Outros	408	44,9%
<b>Total</b>	<b>908</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: SEFAZ

Ainda que as comparações entre os resultados do cadastro SEFAZ e do Censo SEBRAE devam se feitas com cautela, os dados do SEBRAE (2008), relativos à pessoal ocupado e faturamento no CHS, ajudam a compreender o perfil do comércio varejista da região. Eles mostram que 79,3% dos estabelecimentos formais empregam até 5 pessoas. Detalhando, os ramos varejistas que mais empregam são artigos de vestuário, bijuterias e peças e acessórios para eletro-eletrônicos, que somados representam 41% do comércio formal. Dos estabelecimentos que comercializam vestuário, 75% empregam de 2 a 10 funcionários. No ramo de bijuterias e *suvenir*, o percentual é menor (52,6%). Já no de peças e acessórios para eletro-eletrônicos, 93,9% dos estabelecimentos empregam de 2 a 10 funcionários (Tabela 5.6).

No setor informal, 80,8% dos estabelecimentos ocupam até 1 pessoa, sendo que o varejo de bijuterias e *suvenir* é o que mais atrai. Neste, 15 dos 18 estabelecimentos empregam apenas 1 pessoa. Os artigos de vestuário ocupam a segunda posição no *ranking* (16,4%), com 83,3% dos estabelecimentos ocupando até 1 pessoa. Já no varejo de calçados, 100% dos estabelecimentos (11) ocupam até 5 pessoas (Tabela 5.7). Dada a natureza das atividades, bem como os baixos níveis de faturamento, como se verá a seguir, era de se esperar um número reduzido de empregados. No entanto, cabe ressaltar que boa parte daqueles que se envolvem com atividades informais, dadas as altas taxas de desemprego observadas na capital baiana no período recente, encontram nelas a única alternativa para obter rendimentos e sustentar a família.

Com respeito ao faturamento no comércio varejista formal, observa-se na tabela 5.8 que 53,3% dos estabelecimentos faturam até R\$ 10 mil por mês, apenas 22,3% obtêm receita bruta acima de R\$ 10 mil e 19,3% dos estabelecimentos não responderam.

Tabela 5.5: Número de estabelecimentos no comércio varejista no CHS (parte do CHS A – Rua Chile –, CHS B – exclusive Baixa dos Sapateiros/Barroquinha – e CHS C)

COMÉRCIO VAREJISTA	CENTRO	%	PELOURINHO	%	S.ANTÔNIO/ CARMO	%	TOTAL
Vestuário e acessórios para confecções	12	14,6%	36	18,8%	4	12,5%	52
Bijuterias, <i>suvenir</i> e artesanato	0	0,0%	32	16,7%	7	21,9%	39
Peças e acessórios eletro-eletrônicos	0	0,0%	33	17,2%	0	0,0%	33
Resíduos e sucatas.	0	0,0%	15	7,8%	7	21,9%	22
Antiquidades e artigos usados	13	15,9%	2	1,0%	3	9,4%	18
Óticas/artigos de ótica.	15	18,3%	0	0,0%	0	0,0%	15
Mercadorias em geral predominando alimento	5	6,1%	6	3,1%	4	12,5%	15
Tecidos em geral	0	0,0%	14	7,3%	0	0,0%	14
Outras atividades do comércio varejista e de atacado	37	45,1%	54	28,1%	7	21,9%	98
<b>Total (Atacado<sup>14</sup> e Varejo)</b>	<b>82</b>	<b>100,0%</b>	<b>192</b>	<b>100,0%</b>	<b>32</b>	<b>100,0%</b>	<b>308</b>

FONTE: SEBRAE 2008

<sup>14</sup> A tabela contém alguns estabelecimentos de comércio **atacadista** inclusos na categoria “Outras atividades do comércio varejista e de **atacado**”. Contudo, isso não invalida sua utilização diante da predominância do comércio varejista na região do CHS.

Tabela 5.6: Pessoal ocupado no comércio varejista formal do CHS

<b>COMÉRCIO VAREJISTA</b>	<b>Até 1</b>	<b>De 2 a 5</b>	<b>De 6 a 10</b>	<b>+ de 10</b>	<b>SEM RESPOSTA</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Vestuário e acessórios para confecções em geral	9	33	6	3	1	52	17,3%
Bijuterias, <i>suvenir</i> , artesanato e artigos de presente	17	18	2	1	0	38	12,7%
Peças e acessórios eletro-eletrônicos	2	23	8	0	0	33	11,0%
Resíduos e sucatas	12	8	1	0	0	21	7,0%
Antiguidades e artigos usados	8	9	1	0	0	18	6,0%
Óticas/artigos de ótica	1	11	3	0	0	15	5,0%
Mercadorias em geral com predominância de alimento	3	8	4	0	0	15	5,0%
Tecidos em geral	0	7	6	1	0	14	4,7%
Outros	13	56	13	12	0	94	31,3%
<b>Total</b>	<b>65</b>	<b>173</b>	<b>44</b>	<b>17</b>	<b>1</b>	<b>300<sup>15</sup></b>	<b>1</b>

Fonte: SEBRAE 2008

<sup>15</sup> Essa informação difere quando os dados são apresentados agregados (306), sem considerar os ramos de atividades, pois 6 empresas declararam atuar no comércio varejista, mas não foi especificado o seu ramo.

Tabela 5.7: Pessoal Ocupado no comércio varejista informal do CHS

<b>COMÉRCIO VAREJISTA</b>	<b>Até 1</b>	<b>De 2 A 5</b>	<b>De 6 A 10</b>	<b>TOTAL</b>	<b>%</b>
Bijuterias, <i>suvenir</i> , artesanato e artigos de presentes	15	2	1	18	24,7%
Vestuário e acessórios/confecções em geral	10	2	0	12	16,4%
Calçados e artigos de viagem	5	6	0	11	15,1%
Bomboniere	7	0	0	7	9,6%
Peças e acessórios de telefonia e comunicação	3	1	0	4	5,5%
Banca de revista	2	1	0	3	4,1%
Mercadorias em geral com predominância de alimento	3	0	0	3	4,1%
Outros	14	1	0	15	20,5%
<b>Total</b>	<b>59</b>	<b>13</b>	<b>1</b>	<b>73</b>	<b>100%</b>

Fonte: SEBRAE 2008



Tabela 5.8: Faturamento bruto mensal no comércio varejista formal do CHS – R\$ MIL

<b>COMÉRCIO VAREJISTA</b>	<b>ATÉ 3</b>	<b>+ DE 3 A 6</b>	<b>+ DE 6 A 10</b>	<b>+ DE 10 A 20</b>	<b>+ DE 20 A 50</b>	<b>+ DE 50</b>	<b>SEM RESPOSTA</b>	<b>TOTAL</b>	<b>%</b>
Vestuário e acessórios/confecções em geral	12	9	3	8	5	3	12	52	17,3%
Bijuterias, <i>suvenir</i> , artesanato e artigos de presente	23	4	2	3	1	0	5	38	12,7%
Peças e acessórios eletro-eletrônicos	4	2	7	3	11	2	4	33	11,0%
Resíduos e sucatas	14	4	1	2	0	0	0	21	7,0%
Antiguidades e artigos Usados	10	3	1	1	0	0	3	18	6,0%
Óticas/artigos de ótica	5	3	1	2	1	2	1	15	5,0%
Mercadorias em geral com predominância de alimento	6	2	2	0	3	0	2	15	5,0%
Tecidos em Geral	0	0	0	3	3	1	7	14	4,7%
Outros	24	14	4	11	10	7	24	94	31,3%
<b>Total</b>	<b>98</b>	<b>41</b>	<b>21</b>	<b>33</b>	<b>34</b>	<b>15</b>	<b>58</b>	<b>300</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: SEBRAE 2008

Em um nível maior de detalhamento, nota-se que no segmento de vestuário e confecções, com maior número de estabelecimentos (52), apenas 30,7% dos mesmos faturam acima de R\$ 10 mil. No segmento de bijuterias, *suvenir*, artesanato e artigos de presente, o faturamento é ainda mais tímido: apenas 10,5% dos estabelecimentos faturam acima de R\$ 10 mil. A maioria das empresas (60,5%) fatura até R\$ 3 mil. No varejo de peças e acessórios eletro-eletrônicos, 48,5% dos estabelecimentos faturam acima de R\$ 10 mil e no intervalo de faturamento entre R\$ 20 mil a R\$ 50 mil estão enquadrados 33,3% dos estabelecimentos. O valor agregado e o grau de sofisticação dos produtos, quando comparados a vestuário e bijuterias, são os fatores explicativos para este maior percentual de empresas de peças e acessórios eletro-eletrônicos nas faixas de faturamento mais elevadas (acima de R\$ 10 mil).

No varejo informal, 82,2% dos negócios faturam até R\$ 1 mil. A liderança (24,7%) é do varejo de bijuterias e *suvenir*. Tanto nele como no ramo de vestuário e acessórios/confecções em geral, apenas 16,7% dos estabelecimentos faturam acima de R\$ 1 mil. No segmento de calçados e artigos de viagem, somente 9% dos estabelecimentos faturam acima dessa cifra (Tabela 5.9).

#### **5.4 Norte - Leste do CHS**

Como se constata na tabela 5.10, o Norte - Leste do CHS (Dique/Nazaré/Barbalho) é marcado pela expressiva presença de varejistas de alimentos (16,7%) voltados para atender aos residentes desta subárea, bem como os visitantes que recorrem aos serviços de saúde localizados na mesma.

Dentre estes varejistas, 53,3% estão situados nos bairros do Barbalho e Nazaré. O comércio de artigos de vestuário (7,4%) está mais concentrado em Nazaré (35%) e Barbalho (25%), concentração esta que também se observa no comércio de artigos de armarinho (35,7% e 50%, respectivamente). Já o comércio varejista de bebidas encontra-se pulverizado entre os bairros que compõem a subárea Norte - Leste. Por fim, nota-se uma grande diversidade de atividades ao se desagregar a categoria "outras" (alimentos, artigos para saúde e higiene, equipamentos para manutenção

do lar etc.). Enfim, um conjunto de itens é ofertado por empresas que atendem uma área caracterizada por uma elevada densidade populacional.

Tabela 5.9: Faturamento bruto mensal no comércio varejista informal do CHS – R\$

<b>COMÉRCIO VAREJISTA</b>	<b>ATÉ 250</b>	<b>+ DE 250 A 500</b>	<b>+ DE 500 A 1 MIL</b>	<b>+ DE 1 MIL A 3 MIL</b>	<b>+ DE 5 MIL</b>	<b>SEM RESPOSTA</b>	<b>TOTAL</b>	<b>%</b>
Bijuterias, <i>suvenir</i> , artesanato e artigos de presente	3	8	4	1	2	0	18	24,7%
Vestuário e acessórios/confecções em geral	3	2	4	2	0	1	12	16,4%
Calçados e artigos de viagem	1	3	2	1	0	4	11	15,1%
Bomboniere	5	2	0	0	0	0	7	9,6%
Peças e acessórios de telefonia e comunicação	3	1	0	0	0	0	4	5,5%
Banca de revista	0	2	1	0	0	0	3	4,1%
Mercadorias em geral com predominância de alimentos	3	0	0	0	0	0	3	4,1%
Outros	4	6	3	1	0	1	15	20,5%
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>24</b>	<b>14</b>	<b>5</b>	<b>2</b>	<b>6</b>	<b>73</b>	<b>100%</b>

Fonte: SEBRAE 2008

Tabela 5.10: Comércio varejista no Norte – Leste do CHS

<b>COMÉRCIO VAREJISTA</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Mercadorias em geral com predominância de alimento	45	16,7%
Vestuário e acessórios	20	7,4%
Artigos de armarinho	14	5,2%
Bebidas	14	5,2%
Produtos alimentícios em geral ou especializado em produtos alimentícios não especificados anteriormente	14	5,2%
Produtos farmacêuticos sem manipulação de fórmulas	13	4,8%
Materiais de construção não especificados anteriormente	12	4,4%
Equipamentos e suprimentos de informática	10	3,7%
Outros	128	47,4%
<b>Total</b>	<b>270</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: SEFAZ

## 5.5. Oeste do CHS

Como já mencionado, diferentemente das subáreas anteriores, o Oeste do CHS (Contorno/Comércio/Água de Meninos) é marcado pela predominância do comércio atacadista, 652 estabelecimentos (52,9%) do total cadastrado. Mesmo com essa predominância, as atividades de comércio varejista são significativas, correspondendo a 40,6% do total (500 estabelecimentos).

O destaque do comércio atacadista é a presença de representantes de mercadorias em geral e de medicamentos e cosméticos, que somados representam 54% (Tabela 5.11). Os primeiros estão concentrados no Comércio (249 dos 252 estabelecimentos), o mesmo se dando com os representantes de medicamentos, cosméticos e perfumaria (95% dos estabelecimentos).

No comércio varejista salientam-se a venda de *suvenir* e bijuterias (20%) e artigos de vestuário (10%). Os estabelecimentos estão localizados principalmente no Comércio (98% e 92%, respectivamente).

Tabela 5.11: Comércio atacadista no Oeste do CHS

<b>COMÉRCIO ATACADISTA</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Representantes comerciais de mercadorias em geral não especializadas	252	38,7%
Representantes comerciais de medicamentos, cosméticos e produtos de perfumaria	100	15,3%
Representantes comerciais de produtos alimentícios, bebidas e fumo	48	7,4%
Representantes comerciais de madeira, material de construção e ferragens	43	6,6%
Representantes comerciais de têxteis, vestuário, calçados e artigos de viagem	33	5,1%
Outras	176	27,0%
<b>Total</b>	<b>652</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: SEFAZ

## 5.6 Sul do CHS

O Sul do CHS (Campo Grande/Campo da Pólvora/2 de Julho) reúne o maior número de estabelecimentos por subáreas (1749) cadastrados pela SEFAZ. A diversidade é um traço característico desta subárea. A categoria “outras” engloba 734 estabelecimentos (42% do total) dispersos em 54 ramos de atividade (Tabela 5.12).

Essa diversidade talvez possa ser explicada pela existência da Estação da Lapa e a presença dos Shoppings Piedade e Lapa. Além disso, ao redor desses estabelecimentos formais, funciona uma série de atividades informais ambulantes que comercializam artigos eletrônicos e miudezas para uso pessoal.

O varejo de vestuário e acessórios e artigos de armarinho somados representam 31% dos estabelecimentos. O comércio de vestuário está localizado, predominantemente, na Avenida Sete (25,9%), Barris (17,9%) e Centro (17,4%). Já o de artigos de armarinho situa-se, preferencialmente, em Nazaré (25,9%) e na Avenida Sete (23,2%). As óticas, que aparecem em seguida e representam 5,7% dos estabelecimentos, estão em sua maioria na Avenida Sete (46,5% dos estabelecimentos).

Como se pode observar, a predominância de atividades, em termos do número de estabelecimentos, se distribui de forma similar de acordo com os dados da SEFAZ e do SEBRAE (Tabelas 5.12 e 5.13).

No censo do SEBRAE (2005) foram pesquisados 607 estabelecimentos informais no Sul do CHS. De acordo com esta pesquisa, 58,7% dos negócios de varejo são formais e 43,2% são informais. Nos serviços 86,9% são formais e 13,1% são informais. Do ponto de vista informal, 80,7% (490) dos negócios estão no comércio (Tabela 5.14) e 19,3% (117) nos serviços. Destaca-se o ramo de bolsa, sacolas, sapatos, sandálias e assemelhados (12,7% do total). A maior concentração dos negócios informais ocorre no Campo Grande, Praça da Piedade e Avenida Sete, especialmente no entorno dos Shoppings Piedade e Lapa.



Tabela 5.12: Comércio varejista no Sul do CHS

<b>COMÉRCIO VAREJISTA</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Vestuário e acessórios	448	25,6%
Artigos de armarinho	112	6,4%
Artigos de ótica	99	5,7%
<i>Suvenir</i> , bijuterias e artesanatos	82	4,7%
Cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal	75	4,3%
Calçados	70	4,0%
Mercadorias em geral com predominância de produtos alimentícios	69	3,9%
Outros artigos de uso pessoal e doméstico não especificados anteriormente	60	3,4%
Outros	734	42,0%
<b>Total</b>	<b>1749</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: SEFAZ

Tabela 5.13: Comércio varejista no sul do CHS

<b>COMÉRCIO VAREJISTA</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Roupas e confecções em geral	142	22,0%
Óticas e material fotográfico	49	7,6%
Artigos para festas, artesanato e presentes em geral	49	7,6%
Calçados, bolsas e sacolas	43	6,7%
Relojoarias e joalherias	39	6,0%
Livraria, papelaria e bancas de revistas	35	5,4%
Bijuterias, artefatos de beleza e afins	33	5,1%
Produtos alimentícios em geral	29	4,5%
Outros	226	35,0%
<b>Total</b>	<b>645</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: SEBRAE 2005

Tabela 5.14: Comércio varejista informal no Sul do CHS

<b>COMÉRCIO VAREJISTA INFORMAL</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Bolsas, sacolas, sapatos, sandálias e assemelhados	62	12,7%
Roupas e confecções em geral	53	10,8%
Bijuterias, artefatos de beleza e afins	45	9,2%
Equipamentos eletro-eletrônicos, inclusive brinquedos eletrônicos e afins	43	8,8%
Frutas e Verduras	35	7,1%
Relojoaria e afins	34	6,9%
Hortifrutigranjeiros, flora medicinal e produtos de fazenda	33	6,7%
CDs, DVD, discos e fitas	27	5,5%
Bombonieres e afins	26	5,3%
Equipamentos de telecomunicações e afins	23	4,7%
Brinquedos em geral	22	4,5%
Óculos	19	3,9%
Utilidades domésticas	18	3,7%
Material escolar	15	3,1%
Outras	35	7,1%
<b>Total</b>	<b>490</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: SEBRAE (2005)

## **6. ATIVIDADES DE SERVIÇOS NAS SUBÁREAS DO CAS**

Antes de tudo, é necessário que se tente precisar, minimamente, o significado da expressão serviços. A tradicional divisão entre setor primário (agricultura e extração vegetal), secundário (indústria de um modo geral) e terciário apóia-se na distinção entre atividades que resultam em trocas no mercado de bens materiais (classificadas nos dois primeiros setores) e todas as demais que não possuem um claro relacionamento com algo tangível, identificadas como serviços.

Os serviços costumam ser divididos em pessoais, sociais e produtivos. Estes últimos destinam-se, prioritariamente, às empresas e ao existirem em um dado espaço regional asseguram uma infra-estrutura capaz de atrair e reter investimentos. Na atual fase do desenvolvimento capitalista, destacam-se entre os serviços empresariais aqueles intensivos em conhecimento. Ainda que se tente, cabe alertar que as bases de dados utilizadas neste trabalho impedem que se estabeleça uma demarcação precisa entre esses três tipos de serviços.

Abstraindo o setor primário, enquanto nos mercados industriais o valor econômico criado pode ser apropriado através da troca de bens materiais, muito dos quais podem ser estocados e espacialmente transferidos, nos mercados de serviços a troca envolve produtos imateriais e não estocáveis. A diferença na apropriabilidade do valor produzido nos mercados industriais e de serviços tem um impacto decisivo no modo de interação entre compradores e vendedores e nas fontes predominantes das vantagens competitivas. Isto porque a natureza da oferta dos serviços exige, para que o empreendimento empresarial tenha sucesso, uma interação direta com o consumidor e, conseqüentemente, um alto grau de coincidência, no tempo e no espaço, entre consumo e produção, aspectos esses que serão explorados no bloco de proposições.

## **6.1 CHS A**

Quando se agrega os serviços exclusivamente produtivos (escritório, seleção agenciamento e locação de mão-de-obra, arquitetura e engenharia), eles respondem por 20,2% (Tabela 6.1) dos estabelecimentos cadastrados pela SEFAZ no CHS A (São Bento/Misericórdia), percentual que é maior, pois, certamente, também existe demanda empresarial para reparação e manutenção de equipamentos de informática e comunicação.

Um serviço tipicamente social (administração pública, defesa e seguridade social) aparece em primeiro lugar com 15,4%, enquanto um serviço pessoal (alimentação) surge em quarto com 5,0%.

Tabela 6.1: Serviços no CHS A

<b>SERVIÇOS</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Administração pública, defesa e seguridade social	118	15,4%
Serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas	85	11,1%
Reparação e manutenção de equipamentos de informática e comunicação e de objetos pessoais e domésticos	55	7,2%
Alimentação	38	5,0%
Atividades de organizações associativas	36	4,7%
Seleção, agenciamento e locação de mão-de-obra	35	4,6%
Serviços de arquitetura e engenharia; testes e análises técnicas	34	4,5%
Atividades artísticas, criativas e de espetáculos	33	4,3%
Alojamento	28	3,7%
Outras	302	39,5%
<b>Total</b>	<b>764</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: SEFAZ

## 6.2 CHS B

No CHS B (Praça da Sé/Pelourinho/Taboão), a liderança fica com os serviços de alimentação (20,4%), fortemente demandados pelos turistas que freqüentam esta subárea, a exemplo dos serviços de alojamento que aparecem em quinto lugar (4,8%). Em segundo lugar despontam as atividades de organizações associativas (Tabela 6.2). A região do Pelourinho sedia várias dessas organizações, a exemplo do Olodum, Filhos de Gandhi e Associação dos Comerciantes do Pelourinho (ACOPELO).

Os serviços produtivos dirigidos para empresas (escritório e agenciamento e locação de mão-de-obra) representam, juntos, 12,1%. As atividades artísticas, criativas e de espetáculos têm também importância na área (3,6%), afinal, foi nesta subárea que os afro-descendentes ao desenvolverem estas atividades fizeram florescer um movimento musical negro, que embora não se restringisse ao Pelourinho, tinha seu foco nele.

Tabela 6.2: Serviços no CHS B

<b>SERVIÇOS</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Alimentação	101	20,4%
Atividades de organizações associativas	59	11,9%
Reparação e manutenção de equipamentos de informática e comunicação e de objetos pessoais e domésticos	45	9,1%
Serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas	32	6,5%
Seleção, agenciamento e locação de mão-de-obra	28	5,6%
Alojamento	24	4,8%
Atividades artísticas, criativas e de espetáculos	18	3,6%
Educação	18	3,6%
Outras atividades de serviços pessoais	17	3,4%
Outras	154	31,0%
<b>Total</b>	<b>496</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: SEFAZ

### 6.3 CHS C

No CHS C (Carmo/Santo Antonio) os serviços de alojamento e alimentação representam 33,8% do total de estabelecimentos localizados. Este percentual confirma a capacidade que esta subárea vem tendo de atrair, nos últimos anos, novos empreendimentos hoteleiros e restaurantes que dão suporte às atividades de lazer e turismo.

Neste aspecto, vale destacar que, de acordo com o SEBRAE (2008), 22,3% dos estabelecimentos formais pesquisados nessa subárea surgiram em 2007. Outros serviços pessoais (7,4%) e serviços exclusivamente produtivos (escritório, seleção agenciamento e locação de mão-de-obra), que somados respondem por 13,3%, aparecem em seguida (Tabela 6.3).

A agregação das três subáreas do CHS é feita na tabela 6.4, usando os dados do censo SEBRAE (2008). Dos 406 estabelecimentos prestadores de serviços formais pesquisados, 146 (36%) estão associados à prestação de serviços de alimentação e alojamento (bares e lanchonetes, restaurantes e similares, hotéis e similares), algo explicado pela vocação turística e de lazer do CHS.

Os serviços produtivos desempenham também um importante papel. Escritórios de contabilidade, de advocacia, agências de publicidade, possivelmente dedicadas à criação de panfletos, e demais serviços empresariais somados representam 21,4%. Chama atenção, a existência de 19 estabelecimentos (4,7%) prestadores de serviços pessoais de beleza, dos quais 15 (79%) localizam-se no CHS A e B (SEBRAE, 2008).

Entre os estabelecimentos informais, a liderança permanece com os serviços de alojamento e alimentação, embora o percentual desses estabelecimentos no total cresça significativamente (68,6%). O percentual dos serviços produtivos cai expressivamente devido à maior exigência de formalização neste tipo de atividade (Tabela 6.5).



Dos 146 estabelecimentos formais que se dedicam aos serviços de alojamento e alimentação, 65 (44,5%) faturam mensalmente até R\$ 3 mil. Apenas 4 faturam mais de R\$ 50 mil. Já os serviços produtivos (informação e comunicação; financeiros; imobiliários; profissionais, científicos e técnicos; administrativos e complementares), que somam 143 estabelecimentos, possuem somente 2 com faturamento acima de R\$ 50 mil. Considerando todas as atividades listadas na tabela 6.6, 273 estabelecimentos, 67,2% do total de 406, faturam no máximo R\$ 10 mil.

Como é de se esperar, o faturamento bruto mensal dos estabelecimentos informais de serviços é bem menor. Na atividade líder, 50 prestadores de serviços de alojamento e alimentação (84,7%) faturam menos de R\$ 1 mil por mês (Tabela 6.7). Do total dos 86 estabelecimentos informais, 60 (70%) possuem um faturamento de até R\$ 500. Apenas 2 afirmaram faturar mais de R\$ 5 mil por mês.

Observando as atividades líderes na prestação de serviços formais, em termos de pessoal ocupado, 68,3% dos estabelecimentos dedicados a alojamento e alimentação ocupam no máximo 5 pessoas. Percentuais equivalentes ou ainda maiores são registrados nas outras atividades. Ou seja, são micro negócios (Tabela 6.8).

No setor informal, o micro porte dos negócios ganha ainda mais força (Tabela 6.9). Na prestação de serviços de educação e profissionais, científicos e técnicos, 100% dos estabelecimentos ocupam apenas 1 pessoa, percentual que cai para 71,2% na atividade líder. Incorporando a faixa seguinte, constata-se que 98,3% dos estabelecimentos informais que prestam serviços de alojamento e alimentação ocupam no máximo 5 pessoas, percentual superior ao verificado nos negócios formais (68,3%).

Desagregando as atividades de alojamento e alimentação, destacam-se, entre os 146 estabelecimentos formais, os restaurantes e similares (50), sendo que apenas 7 ocupam mais de 10 pessoas e somente 3 faturam acima de R\$ 50 mil mensais. Os hotéis e similares, que aparecem em seguida com 35 estabelecimentos, possuem

características bastante próximas: 7 empregam mais de 10 pessoas e apenas 1 fatura valor superior a R\$ 50 mil. Já nas atividades informais predominam os serviços ambulantes de alimentação – 52 do total de 59. Destes 52 estabelecimentos, 37 (71%) ocupam apenas 1 pessoa, o próprio dono do negócio, e 34 faturam, no máximo, a modesta quantia de R\$ 500 pro mês (SEBRAE 2008).

Tabela 6.3: Serviços no CHS C

SERVIÇOS	Nº DE ESTABELECIMENTOS	%
Alojamento	13	19,1%
Alimentação	10	14,7%
Outras atividades de serviços pessoais	5	7,4%
Serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas	5	7,4%
Seleção, agenciamento e locação de mão-de-obra	4	5,9%
Atividades artísticas, criativas e de espetáculos	3	4,4%
Educação	3	4,4%
Reparação e manutenção de equipamentos de informática e comunicação e de objetos pessoais e domésticos	3	4,4%
Transporte terrestre	3	4,4%
Outros	19	27,9%
<b>Total</b>	<b>68</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: SEFAZ

Tabela 6.4: Serviços formais no CHS (CHS A + CHS B + CHS C)

SERVIÇOS	Nº DE ESTABELECIMENTOS	%
Alojamento e alimentação	146	36,0%
Escritórios de contabilidade	32	7,9%
Escritório de advocacia	31	7,6%
Agências de publicidade e escritórios de serviços empresariais	24	5,9%
Reparação e manutenção de produtos eletrônicos e de informática	21	5,2%
Reparação de eletrodomésticos	21	5,2%
Salão de beleza	19	4,7%
Reparação de calçados, bolsas e afins	18	4,4%
Outras	94	23,2%
<b>Total</b>	<b>406</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: SEBRAE 2008

Tabela 6.5: Serviços informais no CHS (CHS A + CHS B + CHS C)

SERVIÇOS	Nº DE ESTABELECIMENTOS	%
Alojamento e alimentação	59	68,6%
Outras atividades de serviços	22	25,5%
Atividades administrativas e serviços complementares	2	2,3%
Atividades profissionais, científicas e técnicas	1	1,2%
Educação	1	1,2%
Serviços de informação e comunicação	1	1,2%
<b>Total</b>	<b>86</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: SEBRAE 2008

Tabela 6.6: Faturamento mensal bruto dos estabelecimentos de serviços formais no CHS (CHS A + CHS B + CHS C) - R\$ MIL

SERVIÇOS	ATÉ 3	+ DE 3 A 10	+ DE 10 A 50	+ DE 50	SEM RESPOSTA	TOTAL
Alojamento/alimentação	65	26	29	4	22	146
Informação/comunicação	12	3	2	0	1	18
Financeiras	2	3	2	1	5	13
Imobiliárias	5	2	1	0	1	9
Profissionais/científicas/técnicas	31	22	13	0	12	78
Administrativas/complementares	8	6	5	1	5	25
Outras	77	11	6	1	22	117
<b>Total</b>	<b>200</b>	<b>73</b>	<b>58</b>	<b>7</b>	<b>68</b>	<b>406</b>

FONTE: SEBRAE 2008

Tabela 6.7 – Faturamento mensal bruto dos estabelecimentos de serviços informais no CHS (CHS A + CHS B + CHS C) - R\$

<b>SERVIÇOS</b>	<b>ATÉ 250</b>	<b>+ DE 250 A 500</b>	<b>+ DE 500 A 1 MIL</b>	<b>+ DE 1MIL A 5 MIL</b>	<b>+ DE 5 MIL</b>	<b>S/RESP.</b>	<b>TOTAL</b>
Alojamento/alimentação	15	22	13	8	1	0	59
Outras atividades de serviços	9	11	1	0	1	0	22
Administrativas/complementares	0	0	0	1	0	1	2
Profissionais/científicas/técnicas	0	1	0	0	0	0	1
Educação	0	1	0	0	0	0	1
Informação/comunicação	0	1	0	0	0	0	1
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>36</b>	<b>14</b>	<b>9</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>86</b>

FONTE: SEBRAE 2008

Tabela 6.8 – Pessoal ocupado nos estabelecimentos de serviços formais no CHS (CHS A + CHS B + CHS C) - %

<b>SERVIÇOS</b>	<b>ATÉ 1</b>	<b>+ DE 2 A 5</b>	<b>+ DE 6 A 10</b>	<b>+ DE 10</b>	<b>SEM RESPOSTA</b>	<b>TOTAL</b>
Alojamento/alimentação	17,6	50,7	20,3	10,8	0,7	100,0
Informação/comunicação	33,3	55,6	5,6	5,6	0,0	100,0
Financeiras	7,7	61,5	23,1	7,7	0,0	100,0
Imobiliárias	55,6	22,2	0,0	22,2	0,0	100,0
Profissionais/científicas/técnicas	23,1	64,1	11,5	1,3	0,0	100,0
Administrativas/complementares	12,0	56,0	20,0	12,0	0,0	100,0

FONTE:SEBRAE 2008

Tabela 6.9 – Pessoal ocupado nos estabelecimentos de serviços informais no CHS (CHS A + CHS B + CHS C) - %

<b>SERVIÇOS</b>	<b>ATÉ 1</b>	<b>+ DE 2 A 5</b>	<b>+ DE 6 A 10</b>	<b>TOTAL</b>
Alojamento/alimentação	71,2	27,1	1,7	100,0
Outras atividades de serviços	53,8	46,2	0,0	100,0
Administrativas/complementares	50,0	50,0	0,0	100,0
Profissionais/científicas/técnicas	100,0	0,0	0,0	100,0
Educação	100,0	0,0	0,0	100,0
Informação/comunicação	0,0	100,0	0,0	100,0

FONTE: SEBRAE 2008

#### **6.4 Norte - Leste do CHS**

Voltando ao cadastro do SEFAZ, constata-se que no Norte - Leste do CHS (Dique/Nazaré/Barbalho) os serviços de alimentação e empresariais continuam se destacando, ocupando, respectivamente, a primeira (15,4%) e a terceira colocação (8,1%) (Tabela 6.11).

A novidade, em relação às demais áreas, é aparecimento das atividades ligadas à saúde humana, em segundo lugar (15%), e educação em quinto lugar (7,4%). Como se sabe, nessa subárea há uma elevada oferta de hospitais. É uma subárea que, possivelmente, caminha para uma especialização ou, caso se queira, onde pode se identificar a constituição de um *cluster* na área de saúde, tema que será trabalhado nas proposições.

No que diz respeito aos estabelecimentos educacionais se destacam as instituições de ensino fundamental (28,6%), infantil (11,9%), escola de idiomas (11,9%) e treinamentos profissional (11,9%). Dentre os serviços de educação considerados mais estratégicos, a região possui 5 estabelecimentos dedicados ao treinamento profissional e gerencial, 3 estabelecimentos para educação em nível técnico e 1 de nível tecnológico (Tabela 6.10). Os demais estabelecimentos são voltados para educação de nível básico (78,6%).

Tabela 6.10: Serviços Educacionais no Norte - Leste do CHS

<b>SERVIÇOS EDUCACIONAIS</b>	<b>Nº DE ESTABELECEMENTOS</b>	<b>%</b>
Ensino fundamental	12	28,6%
Educação infantil - pré-escola	5	11,9%
Ensino de idiomas	5	11,9%
Treinamento em desenvolvimento profissional e gerencial	5	11,9%
Educação infantil – creche	3	7,1%
Educação profissional de nível técnico	3	7,1%
Cursos preparatórios para concursos	2	4,8%
Outras atividades de ensino não especificadas anteriormente	2	4,8%
Educação profissional de nível tecnológico	1	2,4%
Ensino de esportes	1	2,4%
Ensino de música	1	2,4%
Ensino médio	1	2,4%
Formação de condutores	1	2,4%
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: SEFAZ

Em linhas gerais, é possível concluir que a região Norte - Leste possui um perfil educacional voltado para educação básica, com destaque para o ensino fundamental e infantil. Essa predominância de educação básica está relacionada ao fato da região Norte - Leste ser formada por bairros de adensamento demográfico.



Tabela 6.11: Serviços no Norte – Leste do CHS

<b>SERVIÇOS</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Alimentação	87	15,4%
Atividades de atenção à saúde humana	85	15,0%
Serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas	46	8,1%
Reparação e manutenção de equipamentos de informática e comunicação e de objetos pessoais e domésticos	43	7,6%
Educação	42	7,4%
Atividades de organizações associativas	39	6,9%
Outras atividades de serviços pessoais	29	5,1%
Outras	195	34,5%
<b>Total</b>	<b>566</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: SEFAZ

## 6.5 Oeste do CHS

A oeste do CHS (Contorno/Comércio/Água de Meninos), pela primeira vez, os serviços de alimentação não se destacam. Predomina a oferta de serviços empresariais e financeiros. A soma do conjunto dos estabelecimentos voltados à prestação de diversos serviços produtivos para empresas alcança o percentual de 48% (Tabela 6.13).

Os estabelecimentos educacionais, por sua vez, respondem por 4,3%. Esses percentuais são explicados pela tradição do Comércio em ofertar serviços empresariais e financeiros, tradição esta que vem sendo reforçada pela política de incentivos fiscais usada pela Prefeitura de Salvador para atrair para o local tais estabelecimentos bem como os voltados para atividades educacionais.

Mesmo considerando a pequena participação relativa desse segmento no número total de estabelecimentos, deve-se atentar para o fato de que eles assumem uma destacada relevância para uma nova dinâmica naquela subárea, representando uma nova forma de ocupação do espaço urbano. Por conta disto, convém tecer alguns comentários sobre os Serviços Educacionais localizados nessa subárea.

Como se observa na tabela 6.12, as atividades educacionais predominantes estão associadas ao treinamento profissional e gerencial (59,9%). Este perfil vincula-se às características comerciais e de negócios da região, bem como a própria quantidade de estabelecimentos prestadores de serviços empresariais (contábeis, jurídicos, finanças e consultoria). Em segundo lugar estão “outras atividades de ensino” (9,3%) que englobam diversos tipos de treinamento, incluindo os voltados para a prestação de serviços de beleza, engenharia e consultoria. Em terceiro aparece o ensino de idiomas (7,4%). Vale mencionar a presença na sub-região Oeste do CHS de 3 estabelecimentos de ensino superior que ofertam cursos de graduação e 1 estabelecimento voltado para a pós-graduação. A implantação desse perfil de estabelecimento está atrelada à já mencionada política municipal de isenção fiscal no bairro do Comércio.

Tabela 6.12: Serviços Educacionais no Oeste do CHS

<b>SERVIÇOS EDUCACIONAIS</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Treinamento em desenvolvimento profissional e gerencial	97	59,9%
Outras atividades de ensino não especificadas anteriormente	15	9,3%
Ensino de idiomas	12	7,4%
Atividades de apoio à educação exceto caixas escolares	10	6,2%
Cursos preparatórios para concursos	6	3,7%
Ensino de esportes	4	2,5%
Ensino fundamental	4	2,5%
Educação superior - graduação	3	1,9%
Treinamento em informática	3	1,9%
Educação profissional de nível técnico	2	1,2%
Educação profissional de nível tecnológico	2	1,2%
Administração de caixas escolares	1	0,6%
Educação superior - graduação e pós-graduação	1	0,6%
Ensino de arte e cultura não especificado anteriormente	1	0,6%
Formação de condutores	1	0,6%
<b>Total</b>	<b>162</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: SEFAZ

Enfim, no Oeste do CHS encontra-se uma elevada oferta de serviços de treinamento profissional e gerencial, ensino de idiomas, informática, treinamento técnico e tecnológico que juntos representam aproximadamente 81% das atividades educacionais da sub-região. Ademais, ela tem sido recentemente povoada por faculdades, o que contribui para formação de mão de obra mais qualificada em Salvador.

Os estabelecimentos de lazer e entretenimento dirigidos para o público jovem e/ou de maior poder aquisitivo, que vêm se localizando nos últimos anos na Avenida Contorno, ainda não aparecem de forma nítida nas estatísticas. Apesar disso, a estrutura de serviços constituída, em especial, na Bahia Marina já pode ser considerada um importante elemento dinamizador dessa subárea. A sua constituição atraiu um grande número de novos empreendimentos e pode ainda viabilizar alguns mais, modificando radicalmente a função urbana da Av. Lafaiete Coutinho

(Contorno). Importa destacar também o papel da estrutura da Marina no atendimento às necessidades das atividades náuticas, incrementadas a partir da implantação daquele projeto.

Tabela 6.13: Serviços no Oeste do CHS

<b>SERVIÇOS</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas	455	12,2%
Serviços financeiros, seguros, previdência complementar e planos de saúde	316	8,5%
Atividades de sedes de empresas e de consultoria em gestão empresarial	279	7,5%
Atividades de atenção à saúde humana	205	5,5%
Atividades jurídicas, de contabilidade e de auditoria	198	5,3%
Atividades dos serviços de tecnologia da informação	196	5,2%
Atividades de serviços financeiros	188	5,0%
Educação	162	4,3%
Armazenamento e atividades auxiliares dos transportes	159	4,3%
Outras	1581	42,3%
<b>Total</b>	<b>3739</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: SEFAZ

## 6.6 Sul do CHS

Ao sul do CHS (Campo Grande/Campo da Pólvora/2 de Julho), os serviços de alimentação voltam à cena (14,1%) (Tabela 6.12). Eles se espalham nas Avenidas Sete de Setembro e Joana Angélica, Rua Carlos Gomes e nos *Shoppings Centers* Piedade e Lapa. Os dados SEBRAE (Tabela 6.13) corroboram a liderança dos serviços de alimentação apontada pelo cadastro da SEFAZ.

Os serviços pessoais de atenção à saúde humana, empresariais e educacionais aparecem com destaque nas duas fontes de dados. No cadastro SEFAZ eles respondem, respectivamente, por 12,3%, 8,9% e 6,4% (Tabela 6.15), enquanto no censo SEBRAE, os percentuais são equivalentes a 9,7%, 12,1% e 5,2% (Tabela 6.16).

Cabe, no entanto, fazer uma distinção entre os serviços de saúde nesta subárea e os localizados no Norte – Leste do CHS. Aqui predominam clínicas e consultórios médicos e odontológicos, ao passo que no Norte – Leste do CHS observa-se uma marcante presença de hospitais.

No que tange aos serviços educacionais (Tabela 6.14), os voltados para treinamento profissional e gerencial lideram (16,9%). Em segundo lugar aparece o ensino fundamental (12,5%). As escolas de idiomas ocupam a terceira posição no *ranking* (10,6%). A sub-região também comporta estabelecimentos de treinamento em informática (10%), nível técnico (6,9%), ensino superior de graduação (4 estabelecimentos, representando 2,5%), ensino superior de pós-graduação (2 estabelecimentos) e nível tecnológico (2 estabelecimentos). Além das 6 instituições privadas de ensino superior que recolhem impostos e, portanto, estão listadas no cadastro da SEFAZ, localizam-se no Sul do CHS outras instituições de ensino superior.

Tabela 6.14: Serviços Educacionais no Sul do CHS

<b>SERVIÇOS EDUCACIONAIS</b>	<b>Nº DE ESTABELECIMENTOS</b>	<b>%</b>
Treinamento em desenvolvimento profissional e gerencial	27	16,9%
Ensino fundamental	20	12,5%
Ensino de idiomas	17	10,6%
Cursos preparatórios para concursos	16	10,0%
Treinamento em informática	16	10,0%
Outras atividades de ensino não especificadas anteriormente	15	9,4%
Educação profissional de nível técnico	11	6,9%
Formação de condutores	8	5,0%
Ensino médio	6	3,8%
Educação infantil - pré-escola	5	3,1%
Educação superior - graduação	4	2,5%
Ensino de arte e cultura não especificado anteriormente	4	2,5%
Educação infantil - creche	3	1,9%
Educação profissional de nível tecnológico	2	1,3%
Educação superior - graduação e pós-graduação	2	1,3%
Ensino de esportes	2	1,3%
Atividades de apoio à educação exceto caixas escolares	1	0,6%
Ensino de música	1	0,6%
<b>Total</b>	<b>160</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: SEFAZ

Uma atividade que ganha realce no censo SEBRAE (2005) são os serviços pessoais de beleza (10,4%). Existe uma elevada presença de salões de beleza espalhados por toda a subárea, muitos deles informais, no sentido adotado pelo SEBRAE, o que, provavelmente, impede que eles se destaquem do cadastro SEFAZ. Os informais aparecem diluídos no item “outras atividades de serviços pessoais”.

Já foi visto no capítulo 4 que os serviços, com base nos dados da PED-RMS, lideram, com folga, o *ranking* da distribuição dos ocupados segundo o setor de atividade em Salvador. Convém listar, com base nessa mesma fonte, os ramos de atividade dos serviços que mais ocupam pessoas em Salvador (Tabela 6.14), para que se possa identificar a presença ou não dos mesmos no CAS.

Excluindo os serviços de utilidade pública e outros serviços, os ramos que aparecem com destaque em números de ocupados (Especializados, Alimentação, Educação e Saúde) estão presentes, com maior ou menor intensidade no CAS. Os serviços especializados (advogados, contadores, administradores, escriturários, técnicos em administração e contabilidade, desenhistas, engenheiros, arquitetos, motoristas etc.) e de alimentação estão espalhadas, com significância, por todo o CAS. A exceção fica por conta do Oeste do CHS para os serviços de alimentação. Já os de educação estão especialmente presentes no Norte - Leste e Sul do CHS, enquanto os de saúde concentram-se no Norte – Leste, Oeste e Sul do CHS.

Observando o primeiro e o último ano da série apresentada na tabela 6.17, dois ramos de serviços se sobressaem em termos de aumento de participação na ocupação de mão-de-obra: os especializados (22,7%) e os de saúde (22,4%). Ambos exigem maior grau de especialização quando comparados com os serviços de alojamento e alimentação, por exemplo. Os demais experimentaram leve queda, mantiveram ou quase mantiveram suas respectivas participações. A dinamicidade dos serviços especializados é, em parte, resultado do avanço da terceirização, enquanto os serviços de saúde têm sido impactados positivamente em Salvador pelo envelhecimento da população, melhoria do padrão de renda e aumento da universalização desses serviços.



Tabela 6.15: Serviços no Sul do CHS

SERVIÇOS	Nº DE ESTABELECIMENTOS	%
Alimentação	350	14,1%
Atividades de atenção à saúde humana	305	12,3%
Serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas	222	8,9%
Reparação e manutenção de equipamentos de informática e comunicação e de objetos pessoais e domésticos	161	6,5%
Educação	160	6,4%
Outras atividades de serviços pessoais	152	6,1%
Aluguéis não-imobiliários e gestão de ativos intangíveis não-financeiros	138	5,6%
Outras	998	40,1%
<b>Total</b>	<b>2486</b>	<b>100,0%</b>

FONTE: SEFAZ

Tabela 6.16: Serviços no Sul do CHS

SERVIÇOS	Nº DE ESTABELECIMENTOS	%
Bares, restaurantes e lanchonetes	134	17,3%
Escritórios de contabilidade, advocacia, comerciais e afins	94	12,1%
Salões de beleza	81	10,4%
Clínicas e consultórios médicos e odontológicos	75	9,7%
Serviços educacionais e profissionalizantes	40	5,2%
Reparação de produtos pessoais	36	4,6%
Fotocopiadoras e serviços de digitação	31	4,0%
Outros	285	36,7%
<b>Total</b>	<b>776</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: SEBRAE 2005

Tabela 6.17: Distribuição dos ocupados por setor e ramo de atividade em Salvador – Em %

<b>SETOR/RAMO</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>
<b>OUTROS SETORES</b>	<b>41,2</b>	<b>41,3</b>	<b>40,1</b>	<b>40,0</b>	<b>39,3</b>	<b>39,3</b>	<b>39,7</b>	<b>39,1</b>	<b>38,2</b>
<b>SERVIÇOS</b>	<b>58,8</b>	<b>58,7</b>	<b>59,9</b>	<b>60,0</b>	<b>60,7</b>	<b>60,7</b>	<b>60,3</b>	<b>60,9</b>	<b>61,8</b>
Reparação Mecânica	1,8	1,7	1,8	1,9	1,8	1,6	1,8	1,6	1,5
Outras	5,1	4,9	5,5	5,8	5,1	5,4	5,2	5,0	4,7
Reparações/Limpeza									
Transporte/Armazenagem	4,1	4,1	3,9	3,9	4,0	3,8	4,1	4,2	4,2
Especializados	4,4	4,5	4,3	4,5	4,6	4,8	4,7	4,8	5,4
Utilidade Pública	9,6	9,7	9,2	9,9	10,9	10,5	10,3	10,4	10,9
Crédito e Finanças	1,9	1,9	1,8	1,5	1,5	1,4	1,4	1,5	1,7
Alimentação	6,6	6,3	6,9	6,8	6,9	6,6	6,4	6,6	6,3
Educação	6,9	7,1	6,9	6,8	6,7	6,8	7,0	6,7	6,9
Saúde	4,9	5,3	5,2	5,0	5,3	5,4	5,3	5,7	6,0
Auxiliares	4,8	4,6	4,5	4,2	4,2	4,6	4,4	4,6	4,4
Outros serviços	8,9	8,6	9,9	9,7	9,7	9,9	9,7	9,9	9,8

FONTE: PED-RMS

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O CAS é a síntese de Salvador. Esta é a principal conclusão deste diagnóstico. Ele retrata não só o passado da cidade, mas também sua realidade atual.

Constatar que o CAS incorpora um conjunto amplo e diversificado de atividades comerciais e de serviços é constatar que, desde sempre, por razões as mais diversas, Salvador é uma cidade de caráter mercantil, cabendo sublinhar que, apesar da importância do turismo, é ainda a população local que viabiliza essas atividades econômicas.

Observar que as atividades econômicas no CAS são, predominantemente, atividades “de rua”, voltadas para atender uma população de menor nível de renda, com produtos de menor qualidade, é observar a pobreza e a desigualdade que, desde sempre, por razões as mais diversas, marcam Salvador.

Destacar que no CAS, especialmente no coração do Centro Histórico, encontram-se atividades econômicas focadas no público externo e fortemente caracterizadas por uma concorrência predatória e reduzida agregação de valor ao produto ou serviço comercializado é destacar que, desde sempre, por razões as mais diversas, Salvador não consegue aproveitar adequadamente suas vantagens comparativas herdadas da natureza e de seu passado histórico-cultural para desenvolver, profissionalmente, atividades turísticas, transformando tais atividades em uma importante geradora de emprego e renda.

Talvez por isso, o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Salvador – PDDU, no § 1º do seu artigo 171, define o CAS, chamando-o de Centro Municipal Tradicional – CMT, desta maneira:

“O Centro Municipal Tradicional, CMT, que inclui o Centro Histórico de Salvador, corresponde ao espaço simbólico e material das principais relações de centralidade do Município, beneficiado pela localização ou proximidade de grandes terminais de

transporte de passageiros e de cargas, vinculando-se às atividades governamentais, manifestações culturais e cívicas, ao comércio e serviços diversificados, a atividades empresariais e financeiras, a serviços relacionados à atividade mercantil e atividades de lazer e turismo.”

Com essa diversidade de condições e características o PDDU estabelece no artigo 172 as seguintes diretrizes:

I - fortalecimento como espaço de centralidade municipal, tanto do ponto de vista simbólico, quanto cultural, político e econômico, mediante o resgate e incorporação de novas funções capazes de integrá-lo plenamente à vida urbana e ao desenvolvimento do Município;

II - reversão da tendência de decréscimo populacional, mediante:

a) estabelecimento de prioridade para usos residenciais e atividades complementares nas intervenções em áreas degradadas do Centro Histórico;

b) estímulo à implantação de novos empreendimentos multiresidenciais e de uso misto nas áreas adjacentes ao Centro Tradicional, ampliando a oferta de unidades habitacionais e, conseqüentemente, o fluxo de pessoas nos períodos com baixa atividade comercial, desde que esses novos empreendimentos sejam vinculados, obrigatoriamente, à execução de intervenções que garantam o aumento da capacidade do sistema viário e de transporte público, de forma a atender às novas demandas;

III - elaboração de Plano Urbanístico para o CMT, contemplando entre outras medidas:

a) recuperação de áreas degradadas e/ou ociosas, requalificando-as para novos usos voltados a atividades culturais, comerciais e de serviços, com destaque para aquelas voltadas ao lazer e turismo, e também para a moradia;

b) promoção de novas articulações entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa, privilegiando o modo de deslocamento a pé, de forma integrada aos corredores e terminais de transporte de passageiros;

c) implantação de terminais turísticos na Cidade Baixa, articulados diretamente com os equipamentos ascensores do sistema de transportes, aproveitando as condições de circulação na parte baixa do Centro Histórico e preservando a parte alta do tráfego intenso de veículos, em especial os de grande porte;

d) requalificação urbanística dos logradouros e demais espaços públicos, garantindo acessibilidade e conforto ao pedestre e pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, principalmente nas vias e áreas de maior permanência, mediante a criação de calçadões e passeios sombreados, melhoria do mobiliário urbano, da iluminação pública e das condições de segurança pública;

e) reurbanização e criação de espaços de convivência na Orla da Baía de Todos os Santos;

f) criação de áreas para o estacionamento de veículos e para operações de carga e descarga de mercadorias;

IV - garantia da infra-estrutura necessária à modernização do Porto de Salvador;

V - ordenamento e controle do comércio informal nos logradouros públicos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, P. H., DAMASCENO, L. (2004). *Serviços Estratégicos na Região Metropolitana de Salvador*. Salvador: SEI, 2004.

AZEVEDO, P. A. (2008). Centralidade Étnica da Mancha Matriz de Salvador. In Centro Antigo de Salvador: uma região em debate. *Infocultura*, Salvador, v.1, n.2 (outubro).

DE SOTO, H. (1987). *Economia Subterrânea: uma análise da realidade peruana*. Rio de Janeiro: Editora Globo.

FERNANDES, A. (2008). Centro Antigo de Salvador: centralidades em disputa e desafios à ação. In Centro Antigo de Salvador: uma região em debate. *Infocultura*, Salvador, v.1, n.2 (outubro).

FRANCO, A., GOTTSCHALL, C. DAMASCENO, L., ALMEIDA, P. H. (2008). Perfil dos Moradores do Centro Antigo de Salvador. In Centro Antigo de Salvador: uma região em debate. *Infocultura*, Salvador, v.1, n.2 (outubro).

GOTTSCHALL, C., SANTANA, M.C., ROCHA, A. G. P. (2006). Perfil dos Moradores do Centro tradicional de Salvador à Luz do Censo 2000. *Centro da Cultura de Salvador*. Salvador: EDUFBA/SEI.

PAMPLONA, J. B. (2001). *Erguendo-se pelos Próprios Cabelos: auto-emprego e reestruturação produtiva no Brasil*. São Paulo: FAPESP.

QUEIROZ, L. A. (2006). O Espaço Turístico do Centro Histórico: formação, transformações, perspectivas e desafios. *Centro da Cultura de Salvador*. Salvador: EDUFBA/SEI.

SEBRAE (2005). *Censo Empresarial e dos Pequenos Negócios Informais Localizados no Centro da Cidade Alta – Salvador/BA*. Salvador: Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas.

SEBRAE (2008). *Censo Empresarial do Centro Histórico da Cidade do Salvador*. Salvador: Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas.